



UFRR

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

WILSON APARECIDO SOLER

**A VIOLÊNCIA URBANA E A SUA DINÂMICA SOCIOESPACIAL NOS
BAIRROS SANTA TEREZA, SILVIO LEITE E ALVORADA, EM BOA
VISTA/RR.**

**BOA VISTA
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

WILSON APARECIDO SOLER

**A VIOLÊNCIA URBANA E A SUA DINÂMICA SOCIOESPACIAL NOS
BAIRROS SANTA TEREZA, SILVIO LEITE E ALVORADA, EM BOA
VISTA/RR.**

Dissertação de Mestrado em Geografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG-GEO) da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Produção do Território Amazônico.

Orientador: Prof. Dr. Artur Rosa Filho

Co-orientador: Prof. Dr. Rafael da Silva Oliveira *(In memorian).

**BOA VISTA
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

S685v Soler, Wilson Aparecido.

A Violência Urbana e a sua dinâmica socioespacial nos bairros Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada, em Boa Vista-RR / Wilson Aparecido Soler, 2016.

100 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Arthur Rosa Filho.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Roraima.

1 – Violência urbana. 2 – Roraima. I – Título. II – Rosa Filho, Arthur (Orientador).

CDU – 316.48

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Artur Rosa Filho
Orientador – UFRR-RR

Prof^a. Dr^a. Maria Goretti de Leite Lima
Membro - UFRR-RR- Suplente

Prof. Dr. Rildo Dias da Silva
Membro - UERR

Prof. Dr. Antônio Tolrino de Rezende Veras
Membro - UFRR-RR

Prof. Dr. Elói Martins Senhoras
Suplente - UFRR-RR

AGRADECIMENTOS

Ao

Instituto de Geociências, e aos meus irmãos deste LUGAR. (minha casa, também). Técnicos e Professores; Pedro Carlos, Marcão, Antonio, Altiva, Luciana, Wagner, Sander, Fabio, Jaime, Lorena, Taila, Lena, Thiago, Antonio Carlos, Gersa, Stélio, Luiza, Vlad, Cristóvão, Moeme, que assim (primeiro nome) os denomino por considera-los como irmãos.

Em especial

Prof. Dr. Artur Rosa Filho;

Prof. Dr. Antonio Tolrino de Rezende Veras;

Prof. Rafael da Silva Oliveira *In Memoriam.

Aos mestrados: Valmir, Talita, Júlio el Tanque (Colombiano) e Silas.

DEDICATÓRIA

A Deus,

A “minha” Santa Rita de Cássia.

Meus Filhos, Mila e Biel.

A Keyla Rebouças Soares, minha parceira todo o tempo.

Pai Emilhão,

Mãe D. Maria, que queria “muito”.

Irmã Carol – Totica.

Irmão - Emilinho.

RESUMO

A Violência Urbana em cidades médias, atinge patamares alarmantes e é merecedora de estudos e entendimento de sua dinâmica. Com uma população de 320.714 habitantes (IBGE, 2015) Boa Vista, capital de Roraima com números considerados expressivos e crescentes, insere-se neste contexto. Esta pesquisa teve como objetivo geral realizar um estudo sobre a violência urbana e a sua dinâmica socioespacial, entre os anos 2004 a 2014, nos bairros, Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada, situados na Zona Oeste de Boa Vista-RR. Adotou-se como procedimentos metodológicos as etapas: Pesquisa Bibliográfica; Coleta de dados estatísticos e espaciais, através de órgãos de controle como as secretarias de Planejamento e de Segurança Pública e profissionais da área. A pesquisa apontou que a violência urbana causa, grande sensação de insegurança e medo, diagnosticados através das percepções dos moradores dos bairros mais violentos, e destes sentimentos derivam outros que somados, levam a perda significativa de qualidade de vida. Foram ainda detectados e elencadas ações, (anseios) as quais, segundo a população, seriam eficazes para o combate e amenização do fenômeno da violência urbana em Boa Vista-RR.

Palavras Chave: Violência Urbana. Dinâmica socioespacial. Zona Oeste de Boa Vista/RR. Percepção da violência urbana.

RESUMEN

La violencia urbana en las ciudades de tamaño medio, llega a niveles alarmantes y es digno de estudio y la comprensión de su dinámica. Con una población de 320,714 habitantes (IBGE, 2015) Boa Vista, capital de Roraima con números importantes y crecientes considerados, se inscribe en este contexto. Esta investigación tuvo como objetivo realizar un estudio sobre la violencia urbana y su dinámica socio-espaciales, entre 2004 al 2014, en los barrios, Santa Tereza Silvio Leite y Alvorada, ubicados en la zona occidental de Boa Vista-RR. Fue adoptado como procedimientos metodológicos pasos: búsqueda bibliográfica; La recopilación de datos estadísticos y espaciales a través de los órganos de control, como los departamentos de Planificación y Seguridad Pública y profesionales. La encuesta mostró que la violencia urbana causa gran sensación de inseguridad y miedo, diagnosticado aquí a través de las percepciones de los residentes de los barrios más violentos, de estos sentimientos se derivan otros que en conjunto conducen a una pérdida significativa de la calidad de vida, también se han detectado y listado acciones (deseos) que de acuerdo con la población serían efectivas para el combate y la mitigación del fenómeno.

Palabras Clave: Violencia urbana. La dinámica socio-espaciales. Zona Oeste de Boa Vista / RR. La percepción de la violencia urbana.

“Metade da humanidade não come; e a outra metade não dorme, com medo da que não come”.

Josué de Castro. Geografia da Fome.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: O Estado de Roraima no contexto Amazônico.....	35
Figura 02: A cidade de Boa Vista.....	38
Figura 03: Localização da Área de Estudo - Bairros na Zona Oeste da Cidade de Boa Vista.....	41
Figura 04: Evolução do Espaço Urbano de Boa Vista.....	44
Figura 05: A Cidade de Boa Vista – Zona Oeste – Bairros em destaque.....	48
Figura 06: Vista Parcial do bairro Silvio Leite.....	49
Figura 07: Rua do Bairro Silvio Leite.....	50
Figura 08: Rua Bairro Santa Tereza.....	51
Figura 09: Residência à venda (bairro Santa Tereza).....	52
Figura 10: Residência à venda Rua Curitiba.....	53
Figura 11: Vista parcial rua Curitiba bairro Alvorada.....	54
Figura 12: Modelo teoria das Atividades Rotineiras.....	55
Figura 13: Percepção dos Moradores. Notas atribuídas aos itens com maior prejuízo...	65
Figura 14: Quesitos de maior relevância, causados pela Violência Urbana, indicados pelos residentes dos bairros, área de estudo.....	67
Figura 15: Ações Públicas em geral, na percepção dos moradores.....	68
Figura 16: Ações Imediatas, Anseios da população.....	70
Figura 17: Ações de Médio e Longo Prazos, Anseios da População	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Limites Geográficos.....	36
-------------------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- População Bairro Silvio Leite.....	50
Tabela 02- População Bairro Santa Tereza.....	51
Tabela 03- População Bairro Alvorada.....	54

LISTA DE SIGLAS

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDS. Índice de Desenvolvimento Social (IBGE).

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

PNAD. Plano Nacional por Amostra de Domicílio.

FLACSO. Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais – Rio de Janeiro

IESP. Instituto de Ensino de Segurança do Pará.

UFPA. Universidade Federal do Pará

SSP/RR. Secretaria de Segurança Pública do Estado de Roraima

SEPLAN/RR. Secretaria de Planejamento do Estado de Roraima

USP. Universidade de São Paulo

UFMG Universidade Federal de Minas Gerais.

UNESP. Universidade Estadual Paulista

PUC/MG. Pontifícia Universidade Católica.

B.O.(s). Boletins de Ocorrência.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	13
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1- CIDADES MÉDIAS	24
2.2- VIOLÊNCIA URBANA	27
3- CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	34
3.1- O ESTADO DE RORAIMA.....	34
3.2- A CIDADE DE BOA VISTA.....	38
3.3- A ZONA OESTE DE BOA VISTA E OS BAIROS SANTA TEREZA, SILVIO LEITE E ALVORADA.....	41
3.4- OS TRÊS BAIROS MAIS VIOLENTOS DA CIDADE DE BOA VISTA.....	48
3.4.1- Bairro Silvio Leite.....	49
3.4.2- Bairro Santa Tereza.....	51
3.4.3- Bairro Alvorada.....	53
4- A VIOLÊNCIA URBANA NO ESTUDO DA GEOGRAFIA.....	57
5- RESULTADOS E DISCUSSÕES: A PERCEPÇÃO DOS MORADORES SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA NOS BAIROS SANTA TEREZA, SILVIO LEITE E ALVORADA.....	64
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICE.....	90
ANEXOS.....	92
Anexo I - Dona de Casa denuncia que foi furtada pela terceira vez.....	93
Anexo II - Aumento de apreensões de drogas & aumento da criminalidade.....	95
Anexo III - Família inteira que atuava no tráfico é presa durante operação.....	96
Anexo IV - Bandidos Atacam para tomar celulares.....	98
Anexo V - Bandidos praticam 11 assaltos em duas horas e meia na capital.....	99

1 INTRODUÇÃO

A Violência Urbana é um dos problemas mais graves enfrentados por nossa sociedade. Com quase 60 mil homicídios por ano, segundo a organização Mapa da Violência, (2014), o Brasil é um dos países mais violentos do mundo. Apenas para fins de comparação, deve-se ressaltar que, ao longo de toda a guerra no Vietnã, morreram 50 mil soldados americanos, ou seja, tem-se uma guerra do Vietnã a cada ano no Brasil em termos de homicídios.

De acordo com a pesquisa Indicadores de Desenvolvimento Sustentável (IDS) 2012, elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2009 a média de assassinatos no Brasil foi de 27,1 por 100 mil habitantes o que representou um aumento de 83,1% em 30 anos (SACHSIDA, 2012). Em seu livro “A Geografia da Violência: Violência nas Minas Setecentistas”, Anastasia (2005), relata e analisa estes processos ainda no Brasil Colônia.

Esta taxa, não somente é alta, como ainda teve aumento considerável nos últimos trinta anos. No período 1980-1984 ocorriam 14,8 homicídios por 100 mil habitantes no Brasil. Esse número evoluiu para 22,6 por 100 mil habitantes no período 1990-1995, (WASELFI SZ, 2011).

Fica evidente que tal evolução preocupa tanto a população quanto os formuladores de políticas públicas, mesmo em locais com forte policiamento, como o Distrito Federal, por exemplo, que possui um dos maiores aparatos de segurança do país.

A Região Norte teve um aumento de 135,7% nos homicídios de 2002 a 2012, período em que Rio de Janeiro e São Paulo, no Sudeste, apresentaram quedas superiores a 50%, Estadão documentário Favela Amazônia, 2015. O estudo foi elaborado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), com dados do Ministério da Saúde.

Boa Vista/RR, conta atualmente com 21 assassinatos para cada 100.000hab, numa taxa nacional média de 23,5 assassinatos para cada 100.000 habitantes, conforme os números detectados - Mapa da Violência que tem como responsável o citado Prof. Jacobo Waiselfisz, Coordenador da Área de Estudos sobre Violência da FLACSO - Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Sede Brasil) – Rio de Janeiro.

Estes números que antes preocupavam somente os habitantes dos grandes centros urbanos, vêm se verificar, agora, nas cidades médias e, por conseguinte requerer conhecimento de suas dinâmicas, nestes novos contextos. (AMORIM FILHO, 1984, 1996; AMORIM FILHO E ABREU, 1999; AMORIM FILHO E SERRA, 2001 apud DINIZ, 2008).

Ainda que pode ser verificada uma ligeira redução no índice de violência nas cidades metropolitanas brasileiras nos últimos anos, observa-se que, nas cidades do interior, ela tem aumentado, conforme mostra o livro “Mapa da Violência 2011”, (WAISELFISZ, 2011).

Se, por um lado, estes problemas não apresentam o grau de complexidade, como os das metrópoles, por outro, eles fazem parte das mesmas redes que os alimentam, em alguns casos talvez até com maior intensidade, considerando-se a proporção.

As cidades médias surgem como instrumento de intervenção de políticas de planejamento urbano e regional, nos anos 1980 no Brasil, e desde então, têm sido objeto de estudos e de políticas públicas em diversos níveis (DINIZ, 2008).

Caracterizada como cidade média de acordo com os critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE, (cidades com população entre 100 mil e 500 mil/habitantes), a cidade de Boa Vista, com 320.714hab (IBGE, 2015), e por conta dos números da violência urbana registrados, se insere no grupo das cidades que requerem estudos sobre violência urbana.

Além de representarem um importante papel no equilíbrio de redes e hierarquias urbanas, as cidades médias também estabelecem intermediação não só entre as cidades grandes e pequenas da sua região, mas também em

relação ao meio rural regional no qual estão inseridas (AMORIM FILHO, 1984,1996, apud DINIZ, 2008).

Às características das cidades médias somam-se outras que somente ganharam notoriedade nos últimos anos. São aspectos que fazem parte de um conjunto de valores da sociedade contemporânea, sociedade essa que convive com os grandes problemas dos centros urbanos e que passam a exaltar aspectos como a percepção dos lugares, que apresentam maiores fluxos comerciais e, principalmente, lançam-se na busca de condições que possibilitem uma melhor qualidade de vida (BATELLA E DINIZ, 2006), numa busca por identidades individuais e coletivas.

Esta pesquisa buscou subsídios de ordenamento para análise e interpretações sobre a violência urbana em três bairros da Zona Oeste (setorizado pelo IBGE) da Cidade de Boa Vista/RR: Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada, considerados de acordo com dados da Secretaria de Segurança Pública de Roraima-SESP/RR-2014 os bairros com maiores índices de violência da capital roraimense.

Esta temática exigiu análise de caráter científico, onde através do conhecimento e da detecção de diagnósticos e prognósticos em zonas consideradas sensíveis, o que levou a produção de mapas, para a análise, e lapidação destas informações através da visão Geográfica, onde estes conhecimentos podem ser utilizados como fonte de conhecimento desta realidade.

Em Santos (2003), a violência, por si só, não é assunto da geografia, mas está relacionada com o espaço, ou seja, a violência é uma prática socioespacial, e nas palavras de Melgaço (2005, p. 108) “aos geógrafos cabe estudá-la enquanto prática espacial, fruto de usos específicos do território” ainda, para este autor o território vem a ser o resultado do processo histórico e a base material e social das novas ações humanas, ou seja, como prática socioespacial o fenômeno da violência pode e deve ser estudado pela Ciência Geográfica.

Objetivos

Como objetivo geral esta pesquisa visou realizar um estudo sobre a Violência Urbana e a sua dinâmica socioespacial em Boa Vista-RR, destacando os Bairros Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada, entre os anos 2004 a 2014.

Os objetivos específicos ficam assim definidos: 1). Identificar, através da aplicação de questionários a percepção dos moradores sobre a Violência Urbana. 2). Identificar os anseios da população residentes nos bairros em relação às políticas públicas. 3). Mapear os bairros da área de estudo e seus respectivos índices de violência urbana.

Justificativa

A justificativa para esta pesquisa se destaca em: pessoal, social e científica:

Pessoal

Como morador da Cidade de Boa Vista, do Bairro Jardim Floresta, na Zona Oeste da cidade desde 1991, setor onde se localizam os bairros objetos de estudo. Senti ao longo destes anos e, ainda vivendo-se o dia-a-dia desta realidade, que através dos números disponibilizados sobre as ocorrências de violência, principalmente através da mídia local, que os referidos índices ou números têm características ascendentes, ou seja, sempre aumentam. Mais que isso, a sensação de insegurança, é uma constante.

Esta percepção também se evidencia no discurso de vizinhos, amigos e moradores em geral. Sendo assim, acredito haver necessidade de compreender mais sobre o assunto. No ano de 2001, estudei o referido fenômeno como tema para Trabalho de Conclusão de Curso na minha Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Roraima.

Social

Abaixo tem-se citação de uma coluna de (2002), retirada de um jornal local, lembrando que desde então se passaram 14 (catorze) anos, e o que foi feito até hoje? Sabe-se que nada de contundente em termos de qualquer natureza política, ou econômica e social ocorreu. O que poderemos fazer em relação ao fenômeno?

“Boa Vista não é mais a mesma. Imaginem que até bem pouco tempo atrás, dormia-se de portas abertas e hoje não se pode mais nem parar o carro mesmo que seja antes da meia noite em pleno centro da cidade, sem correr o risco de ser sequestrado, estuprado e roubado. Que os Deuses tenham piedade de nós”. (RODRIGUES, 2002, p. 9).

Sabe-se que este fenômeno atinge a todos, de maneira mais ou menos expressiva. No entanto, configura-se em uma das grandes preocupações de nossa sociedade, levando vários estudiosos a buscar respostas para a aplicabilidade de estratégias de cunho político, bem como, econômico, além de pesquisas científicas produzidas nas universidades.

Científica

Como geógrafo, estudo o tema desde a graduação através do Trabalho de conclusão de curso - TCC (2002), na Universidade Federal de Roraima - com o título Incremento da Violência Urbana x Crescimento Populacional em Boa Vista-RR. Continuei no objeto de estudo em um curso de especialização realizado em Belém no Instituto de Ensino de Segurança do Pará - IESP (2005) em convênio com a Universidade Federal do Pará - UFPA, trabalho intitulado Qualidade do atendimento das ocorrências no Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Pará e Tempo de Resposta, agora continuo este tema no mestrado,

uma vez que o considero relevante dentro da temática Produção do Território na Amazônico.

Para finalizar e, ratificar a necessidade de maiores conhecimentos na área é importante salientar a afirmação de Ferreira, Vasconcelos e Pena (2008, p.1), os quais ressaltam que:

“...a busca de soluções e medidas para o controle da violência é um grande desafio que requer a avaliação de suas diferentes dimensões em termos de suas consequências e injunções de ordem social, econômica, política e territorial”.

MATERIAIS E MÉTODO

A pesquisa é de caráter exploratório-descritivo, e utilizou: O Método Hipotético Dedutivo com contribuições do Método Dialético sendo este para discussões epistemológicas, bem como conceitos e, ainda, através do Método Fenomenológico, buscou-se entender a percepção dos moradores da área de estudo através de entrevistas, e neste momento através de ferramentas, também do Método Fenomenológico fazer uma descrição do sentimento vivido naquela experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as “essências” desta percepção.

Ainda sobre o Método Fenomenológico, Buttimer (1974), em anexo ao seu “Values in Geography”, publicou um estudo sobre a utilização da fenomenologia e do existencialismo pela geografia. Para esta autora o mérito de tais filosofias é abranger a totalidade do ser — percepção, pensamento, símbolos e ação — o que se constata na prática, onde se torna impossível delimitar claramente o que é sujeito e o que é objeto. A Fenomenologia pode ser definida como um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância. (BUTTIMER, 1982, p. 170).

METODOLOGIA

A pesquisa necessitou das aplicações metodológicas abaixo, e na ordem que são descritas, por conta do andamento dos trabalhos que se pautaram nos seguintes procedimentos.

A – Pesquisa Bibliográfica - Revisão da literatura com fundamentação principalmente nos trabalhos de (ADORNO, 2002), que verifica o adensamento populacional, como agravante nas questões de violência urbana. Félix (2002) demonstra que, quando determinado espaço dispõe de maior desenvolvimento econômico atrai dinâmicas associativas à violência, e também em Haesbart (2004) que aponta nos conceitos e aproximações para identificações de territórios, e territorialidades entre outros. Como afirma Scarlatto (2005 apud VERAS, 2009, p. 22), “o desenvolvimento de todo trabalho de pesquisa científico

exige a clareza de seus pressupostos técnicos e metodológicos, pois representam seus alicerces”.

B – Análise documental com a busca na literatura de produção local e de âmbito geral. Dados recolhidos e filtrados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, órgãos como Secretária de Segurança Pública – SSP/RR e Secretária de Planejamento SEPLAN/RR, entre outros, foram analisados e utilizados tanto dados numéricos quanto qualitativos (quando existentes) os quais quando da sua análise, podem ser empregados evidentemente.

C – Pesquisa e verificação através de mapas temáticos, para referenciação e melhor entendimento e visualização dos temas abordados. Para este momento, estatísticas descritivas (tendências centrais/dispersão) foram analisadas com o objetivo de explorar a composição, natureza, e principalmente a espacialização, bem como a tipificação do fenômeno, distribuição das taxas de criminalidade e sua evolução no espaço/tempo, pré-definidos como objetos de estudo, utilizando ainda a estatística como técnica multivariada, com destaques para as dimensões Geográficas, Sociais, Econômicas e Demográficas.

D – Pesquisa de dados e registros de crimes coletados e organizados pelas Polícias Militar e Civil do Estado de Roraima.

E – Mapas e gráficos foram analisados, com o objetivo de se identificar padrões regionais de concentração de ocorrências criminal.

F – Aplicação de 300 questionários semi-estruturados (apêndice), para coleta de dados sobre a percepção dos moradores dos bairros em epígrafe, em relação a violência urbana, para análise e verificação de quanto este fenômeno afeta estes indivíduos em seu “lugar”. No período entre 15 de setembro a 20 de outubro de 2015, para residentes, aleatoriamente. Num total de 100 questionários em cada bairro, representando amostra confiável, em concomitância com as regras estatísticas, verificadas. Os referidos questionários foram aplicados pelo pesquisador e por alunos (acadêmicos do curso de mestrado/PPGEO) em mutirão, sendo cada entrevistador, por conseguinte, orientado de modo a se

obter o mesmo padrão na qualidade e confiabilidade das respostas de seus entrevistados.

Sendo assim, os questionários possibilitaram levantamento para a abordagem qualitativa, com suporte em ampla pesquisa bibliográfica, o que possibilitou o aprofundamento teórico e uma maior contextualização das questões que envolvem tal dinâmica social, bem como a abordagem quantitativa que através destes questionários, e os dados fornecidos pelo profissionais das Polícias Civil e Militar do Estado de Roraima, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais – Flacso, e Secretaria de Segurança Pública do Estado de Roraima-SESP-RR, foram de grande relevância para nossa pesquisa.

Esta dissertação de mestrado está configurada por 04 capítulos, além de uma introdução e das considerações finais, sendo que:

O primeiro capítulo é composto pela fundamentação teórica onde encontra-se autores renomados que desenvolveram o tema violência, e/ou Violência Urbana, a exemplo de Michel Foucault, Milton Santos, Rogério Haesbaert, Sérgio Adorno, Alexandre Magno Diniz, Sueli Andrucioffi Félix, entre outros.

No segundo capítulo encontra-se a caracterização da área de estudo, onde apresenta-se o Estado de Roraima, a sua Capital Boa Vista, e os bairros localizados na Zona Oeste desta, onde se concentra a pesquisa. O terceiro capítulo, é composto pela contextualização da violência urbana na Geografia e suas contribuições, e assim utilizar tais contribuições para entender essa dinâmica na Cidade de Boa Vista e mais precisamente nos bairros identificados como mais violentos.

No quarto capítulo, tem-se a percepção dos moradores dos Bairros Silvio Leite, Santa Tereza e Alvorada da zona oeste de Boa Vista sobre o fenômeno da violência urbana, em Boa Vista/RR. Por fim, tem-se as considerações finais onde, ao retomar os objetivos da pesquisa, colabora-se para o entendimento do

fenômeno violência urbana nos Bairros Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada localizados zona oeste, de Boa Vista.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

Neste capítulo são abordados os conceitos, sobre os temas os quais trabalha-se ao longo do desenvolvimento desta dissertação. Os principais autores são: Sposito (2007), Maia (2010), e Santos (1993), quando tratou-se o conceito de Cidades Médias; Sérgio Adorno (2002), USP; Diniz (2006, 2008-PUC/MG), Geografia do Crime e da Violência, Geografia Urbana e Geografia Regional, Felix (2007), Unesp/SP que trabalha, criminalidade e violência urbana, Políticas Públicas de Segurança Pública, Anastasia (2005) UFMG, que tem como objeto, entre outros temas a historiografia da criminalidade no Brasil, abordando principalmente o estado de Minas Gerais, do século XVIII.

Especificamente sobre Violência Urbana e suas relações espaciais, tem-se os apontamentos de Mena (2010), que segundo este autor, membro da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais,

“A violência e o delito têm lugar específico no território, pois os dois tendem a territorializar-se de acordo com as lógicas do delito e, às características do espaço. Isto quer dizer que há uma relação muito clara entre delito e espaço e, que finalmente se expressa, por exemplo, há roubos de banco onde há bancos, assim como há roubos de gado onde existem fazendas de gado”. (MENA, 2010, p. 1).

Em se tratando de espaços urbanos, dinâmicas territoriais, produção espacial, não podemos deixar de citar Haesbaert (2004), que destaca as relações de poder e outras variáveis como composições territoriais e Foucault (2007), quando coloca que poder não é somente uma força exercida verticalmente, de cima para baixo, mas atravessa e constitui cada espaço das relações da sociedade, sendo que este termo é muito importante no que diz respeito ao estudo da criminalidade, entre outros.

Antes de iniciarmos com o objeto central desta pesquisa, violência urbana, far-se-á uma breve consideração do conceito de cidades médias, a seguir, item 2.1.

2.1 CIDADES MÉDIAS

É importante salientar que Boa Vista é classificada como cidade média, pelo IBGE que considera o fator demográfico como critério para esta definição, no entanto, deve-se contextualizar um pouco mais sobre a complexidade desta definição, uma vez que existem inúmeras discussões em torno do assunto.

Numa breve revisão literária, verifica-se a inexistência de um consenso em relação ao conceito de cidade média, conforme acrescenta Sposito (2007, p. 233) a compreensão das cidades médias requer a reflexão sobre as dinâmicas e os processos nos quais se encontram envolvidas, a serem observados considerando as dimensões espaciais, “[...] o que significa pensar na posição sempre relativa e transitória dessas cidades e de seus papéis nas relações, sobreposições e articulações com o espaço rural e com outras cidades em múltiplas escalas”.

Levando-se em consideração a afirmação de Maia (2010, p.18) quando “[...] considerando-se o território brasileiro, uma cidade com 100 mil habitantes no interior do estado da Bahia não é igual a uma cidade com o mesmo contingente populacional no estado de São Paulo”. Explicando melhor,

“[...] Uma cidade média em uma região pobre, como o Nordeste brasileiro, tenderá a não apresentar comércio e serviços tão diversificados e sofisticados quanto uma cidade de mesmo porte em uma região mais próspera, com uma presença bem mais expressiva de estratos de renda médios, como o interior de São Paulo ou o Sul do país, por exemplo” (SOUZA, 2003, p. 30-31).

Em seu livro *A Urbanização Brasileira*, Santos (1993), já indicava os problemas e dificuldades em classificar as cidades médias, considerando apenas o elemento demográfico.

“Cabe, todavia, levantar uma questão: podemos classificar as cidades com mais de 20.000 habitantes como médias? Um dos problemas que se apresentam nas ciências humanas é o do uso e interpretação das séries estatísticas, pois o número, em momentos distintos, possui significado diferente. O que chamávamos de cidade média em 1940/50, naturalmente não é cidade média dos anos 1970/80. No primeiro momento, uma cidade com mais de 20.000 habitantes poderia ser classificada como média, mas hoje, para ser cidade média uma aglomeração deve ter população em torno dos 100.000 habitantes. Isto não invalida o uso de quadros estatísticos, mas sugere cautela em sua interpretação.” (SANTOS, 1993, p. 70-71).

Ribeiro e Rodrigues (2011, p. 1) chamam a atenção para que, antes de se propagar cidades médias e seu crescimento, é preciso definir conceitual e operacionalmente as categorias cidade média e metrópole, uma vez que “No bojo desta visão, vem junto a interpretação das cidades médias como paraíso da nova etapa do desenvolvimento do capitalismo brasileiro, pois de tão dinâmico e virtuoso que é até se ressentir da escassez de força de trabalho”.

Essas colocações casam perfeitamente com o momento da capital roraimense, uma vez que esses fatores são claramente observados na produção espacial momentânea, com inauguração, por exemplo de 02 “shoppings centers” (novembro de 2014) e com taxa de migração acima da média nacional (3,5%-IBGE-2013), como salienta Souza (2009, p. 40),

“Os projetos de assentamento espalhados pelo estado, assim como os loteamentos urbanos notadamente em Boa Vista, atraíram um número considerável de migrantes, conferindo ao estado de

Roraima as mais altas taxas de crescimento relativo populacional de nas décadas de 1980 e 1990”.

A Cidade de Boa Vista no período estudado tem crescimento populacional, acima da média nacional, saindo de uma população de 236.000hab em 2004 para 320.714hab em 2015 (IBGE, 2015), portanto com um incremento de 84.000hab em pouco mais de uma década, ou seja, com números que se aproximam de 50% a mais de pessoas na cidade neste período, sendo que a oferta de serviços na esfera pública não tem como suportar em período tão curto, tamanho crescimento populacional, causando vários transtornos e, na área de segurança pública não seria diferente. No item 1.2 a seguir, tem-se uma abordagem mais aproximada de violência urbana.

2.2 VIOLÊNCIA URBANA

O crescimento da violência é segundo Mattos (2008, p. 57) uma tendência mundial, e no Brasil mostra-se alarmante. Existem divergências sobre as causas deste crescimento, para Adorno (2002, p. 101), os três indicadores principais são:

- a) Mudanças na sociedade e nos padrões convencionais de delinquência e violência;
- b) Crise no sistema de justiça criminal;
- c) Desigualdade Social e segregação urbana.

Para Adorno (2002) a classificação de Violência Urbana caracteriza-se como a modalidade do emprego, não consensual ou legitimado, do uso da força para impor a vontade de uns contra outros, mediante recurso de meios determinados, inclusive força física. Seus resultados compreendem danos à integridade física, psíquica, à identidade, à privacidade de quem quer que tenha sido vítima dessas modalidades de ação.

Por outro lado, a complexidade que envolve tal conceito decorre do seu caráter multifacetado e conforme Costa e Pimenta (2006, p. 6), “[...] definir violência não seria um mero ato de aproximar um conceito ‘absoluto’ de uma expressão ou de um fato tornar idênticos a palavra e o fenômeno”.

Santos (2003), em seu livro “Por uma outra Globalização”, ao trabalhar violência, analisa e identifica as formas de violência(s), explicando-as, como: a violência coletiva, que é a guerra; a institucional, que é a ditadura; a cultural, como o racismo; a individual, praticada contra crianças, por exemplo; e a violência estrutural, que origina-se e resulta da estrutura da sociedade, sendo esta a mais importante, para o caso deste estudo, uma vez que no nosso entendimento “esta”, leva às outras formas de violência.

O rápido crescimento das taxas de crime observado nas últimas décadas tem despertado o interesse de diversas ciências que se lançam na busca de uma

melhor compreensão desse multifacetado fenômeno. Esse crescimento é agravado pelo aumento do nível de concentração espacial, sobretudo a partir do fenômeno da metropolização, apresentando, ainda, forte correlação com outras características espaciais e, também, com a configuração de diferentes parcelas do território das cidades. (GUIDUGLI, 1985).

Adorno (2002, p.87) afirma que “devido a desigualdade de direitos e dificuldades no acesso à justiça agravou-se a violência na mesma proporção em que a sociedade se tornou mais densa e mais complexa” e, tudo isso colabora para que os conflitos sociais tornem-se mais acentuados, podemos portanto entender que, a medida em que no caso a Cidade de Boa Vista vem, ao longo do tempo adquirindo características de “cidade grande” vem automaticamente se adensando os problemas, dentre estes, o objeto de pesquisa ora referenciado. Ainda segundo o autor (2002, p. 88),

“A sociedade brasileira vem conhecendo crescimento absurdo das taxas de violência nas suas mais distintas modalidades: crime comum, violência fatal conectada com o crime organizado, graves violações de direitos humanos, explosão de conflitos nas relações pessoais e intersubjetivas”.

De acordo com Gullo (1998, p.105), a violência, considerada como um fenômeno social, é “analisada como um *filtro* que permite esclarecer certos aspectos do mundo social porque denota as características deste grupo social e revela o seu significado no contexto das relações sociais”.

Com esses argumentos e demais contribuições, é possível afirmar que a pesquisa pelo diagnóstico e dinâmica do fenômeno da violência urbana, precisamente nos bairros em questão da zona oeste da Cidade de Boa Vista é relevante por detectar inúmeras variáveis conectadas (sociais e geográficas) para composição de resultados.

Dentre essas variáveis se destaca aquela com fundamentação sociocultural na busca de uma explicação para a diversificada manifestação espacial do crime, e ainda segundo essa teoria, quando o sucesso econômico se torna busca incessante das pessoas, “a privação é frustrante e pode levar à tentativa de aquisição de bens, não importando por que meios” (FELIX, 1996, p.149).

Ainda em conformidade com a autora (2002 apud FELIX, 2009, p. 156), podemos destacar que:

“Os problemas urbanos advêm dos valores numéricos crescentes – pessoas, distribuições espaciais irregulares, níveis de concentração – mas advêm, sobretudo, do grau de velocidade dessas transformações”.

Quando o sucesso econômico é diferenciado num fundamento de classe, a baixa renda pode ser considerada legítima e a frustração torna-se limitada, fazendo com que as populações de regiões menos abastadas valorizem aspectos como rede de parentescos, lealdade, culturas locais e outras particularidades da vida. Em conformidade com Bortolo Pinto (2014, p. 2), a configuração de um espaço metropolitano descontínuo do ponto de vista social, econômico e espacial tende a reproduzir as condições para o estabelecimento de territórios da violência.

As incidências criminais nessas regiões estão relacionadas às forças exteriores à comunidade e há ênfase nos comportamentos como bravura e honra, sendo maior a presença de crimes contra a pessoa (HARRIES, 1971 apud FELIX, 1996).

Por conseguinte, Felix (2002) aponta que nas regiões com maior desenvolvimento econômico onde encontram-se as maiores aglomerações populacionais, sobretudo migrantes que buscam emprego e melhores condições para o sustento, dotam a vida de um caráter anônimo, desestruturando mecanismos de controle social informal.

A referida autora coloca ainda que o adensamento de pessoas nos centros urbanos pode produzir uma maior conscientização da desigualdade social, o que, por consequência, tem o potencial de incitar a prática criminal, o que representaria uma resposta para a dissociação entre aspirações materiais e possibilidades reais de realização de boa parte da população. O adensamento populacional permite também a difusão de informações sobre os meios legítimos e ilegítimos de aquisição de bens, facilitando a prática criminal.

Outros aspectos como o grau de deterioração das estruturas físicas dos centros urbanos, funcionando como um indicador de vulnerabilidade ambiental, e à intensa mobilidade espacial da população, que atomiza as estruturas e enfraquece a coesão social através do confronto entre valores culturais, contribui para o crescimento da criminalidade nos centros urbanos. Nessas regiões há o predomínio de crimes contra o patrimônio.

Em “Vidas desperdiçadas”, Bauman (2005, p. 76), coloca de forma expressiva: “Os refugiados, os deslocados, as pessoas em busca de asilo, os migrantes, os *sans papiers* constituem o refugio da globalização”. Corroborando assim para a ideia de que esse processo, ou o processo de globalização é um catalisador da migração desordenada e transforma centros periféricos em destino de muitos.

Diniz (2006), verifica que as cidades de referência e, no caso da Região Amazônica, cidades como as capitais Belém e Manaus são marcadas também pela hipertrofia e, se transformam em centros acolhedores destas migrações, assim como já percebe-se em Boa Vista/RR.

Estas cidades vem concentrando grande parte da população de suas regiões, e a repressão recente (nos centros maiores – sul e sudeste) fez com que muitos criminosos se deslocassem para o(s) interior(es) e cidades periféricas, onde a polícia “estaria” “menos preparada”, por conta das habilidades e da rotina tranquila.

Com estas populações cultivando hábitos que os expõe aos marginais, assim estes meliantes migraram para o interior e nos idos dos anos 2000 ainda,

estas cidades sofreram muitas ações de criminosos como assaltos profissionais em bancos, casas lotéricas, prefeituras e etc.

Anastasia (2005, p. 23), afirma que “quanto maior a ausência das autoridades, e menor o grau de institucionalização política maior era a possibilidade de generalização de atos de violência”, ora vejamos, esta afirmação está no pretérito por conta do contexto da citação (Minas setecentistas), mas o que se verifica na contemporaneidade não é diferente. Existe claramente a identificação de atores da criminalidade nas áreas com essa configuração.

Observa-se também que nos últimos 07 anos aproximadamente, outra mudança no perfil dos criminosos e dos tipos de crimes e da violência em tais cidades (médias): a violência pulverizada e sistemática contra cidadãos comuns no dia a dia. Assaltos a mão armada, latrocínios, assaltos seguidos de estupro, e até bala perdida atingindo cidadãos comuns que nunca imaginaram passar por semelhante situação, ou que só haviam visto algo semelhante em telejornais de nível nacional, relatando o crime das grandes capitais.

Não é necessário, no entanto, que tenhamos números expressivos e comparativos aos grandes centros, para que tomemos iniciativas no campo científico, já verificamos números preocupantes e, em ascensão, portanto merecedores de conhecimento, já que Souza e Lima (2007, p.1215) nos explicam que “na região norte, exceto Boa Vista, todas as capitais apresentam altas taxas de homicídios com valores que são quase quatro vezes maiores que a taxa do nacional”, considerando tal afirmação não podemos destacar as tendências de crescimento e de números parecidos num futuro próximo na capital de Roraima.

Mascarenhas e Barata (1996 apud NUNES e PAIM, 2005, p. 459) salientam que “na busca de explicação para o aumento da violência nas sociedades modernas, tem-se apontado o aprofundamento das desigualdades sociais”.

Considerando a abrangência de afirmações como estas que se verifica a necessidade da referida pesquisa e principalmente a temática, envolve questões de natureza de tal grandeza das Ciências Geográficas e Sociais, que se faz necessária uma análise de “todas” senão do maior número das variáveis e implicações que irão nortear sem sombra de dúvidas o bom andamento e a qualidade da pesquisa.

Por conta da “maquiagem” nos números, no que se refere ao descrédito nos agentes oficiais de controle a violência, e a não realização dos famosos Boletins de Ocorrência, (B.O.s.), não se tem dados nacionais sobre delinquência, crime ou a violência urbana, que para Adorno (2002, p. 87), por conta disso “os únicos dados nacionais disponíveis alcançam os homicídios”.

Dilulio Junior (1996), sugere que os dados de crime, comumente apresentado na imprensa e adotados em muitos estudos, são geralmente incompletos e podem conduzir ao erro. Afinal, em torno de 66% de todos os crimes, e entre 55% e 60% dos crimes violentos, não são reportados a polícia.

Afirmando os escritos de Lemgruber (2001) quando ressalta que os resultados da pesquisa realizada pelo Instituto de Estudos da Região (Iser) e pela Fundação Getúlio Vargas, em 1996, na região Metropolitana do Rio de Janeiro, mostram que mesmo em relação a crimes violentos, a subnotificação (ou não realização de B.O(s).) é muito alta.

Nos casos de roubo por exemplo, 80% das vítimas não comunicaram o crime à polícia. “Não acredita ou tem medo da polícia” foi o motivo que os entrevistados alegaram com maior frequência para o não registro do crime.

A partir de discussões sobre percepção em Tuan (1980), onde este autor se destaca, especialmente na compreensão da afinidade do morador com o lugar, e ainda nesta correlação - entre o vivenciador das realidades e sua intimidade com o entorno, poderemos através desta pesquisa verificar a percepção do vivenciador desta realidade violenta e estes locais.

“É claro que, como o homem é o animal que conseguiu meter-se dentro de si, quando o homem se põe fora de si é que aspira a descer e recai na animalidade. Tal é a cena, sempre idêntica, das épocas em que se diviniza a pura ação. O espaço se povoa de crimes. Perde valor, perde preço a vida dos homens, e se praticam todas as formas da violência e da espoliação” (ORTEGA Y GASSET, 1973, p. 300).

Conforme se verifica em Tuan (1980, apud ROSA FILHO, 2006) o qual propõe o termo Topofilia para definir o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico, abordando este ambiente físico, sob o ponto de vista das percepções, das atitudes e dos valores envolvidos e, mais especificamente, sobre a Violência Urbana nos aportes de Diniz (2007, 2008); Felix (2006, 2007), e Adorno (2002, 2007), esta pesquisa, permitirá realizar um estudo sobre a violência urbana – em Boa Vista/RR, nos bairros evidenciados, no período compreendido entre 2004 e 2014.

No capítulo 2, a seguir, tem-se a caracterização da área de estudo, onde faremos descrição dos bairros com maiores índices de criminalidade da capital do estado de Roraima.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.

BREVE HISTÓRICO – RORAIMA, BOA VISTA E OS BAIRROS SANTA TEREZA, SILVIO E ALVORADA, LOCALIZADOS NA ZONA OESTE.

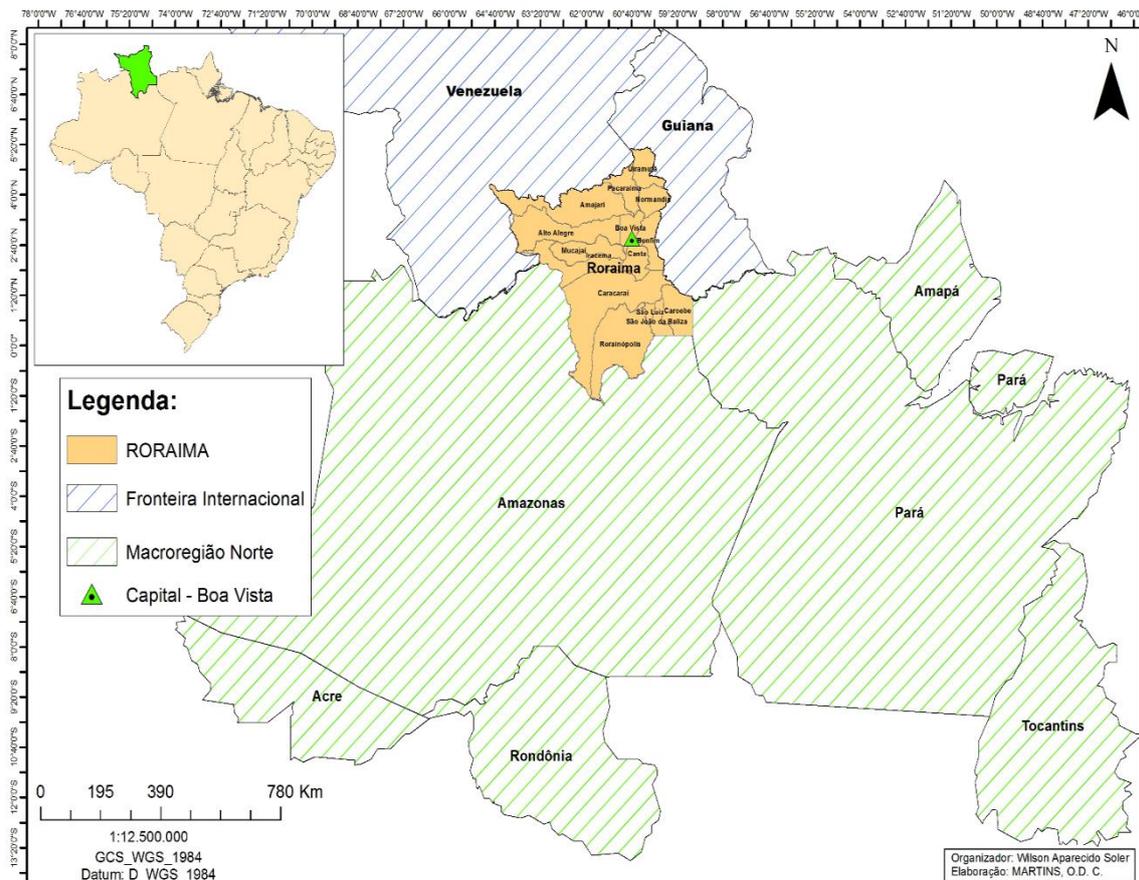
Conhecer os aspectos históricos da ocupação humana e formação de um país, estado ou mesmo um município, representa conhecer as matrizes da ação e da presença humana, a partir das heranças da participação das diversas lógicas, demográficas, políticas e econômicas impostas em diferentes momentos. Por outro lado, tais aspectos devem ser levados em conta ao se pretender uma análise das perspectivas de desenvolvimento e suas ênfases.

3.1 O ESTADO DE RORAIMA.

O estado de Roraima localizado ao norte da Amazônia brasileira conforme (figura 1) a seguir, faz fronteira ao Norte e a Noroeste com a Venezuela e a Leste e Nordeste com a Guiana, somando-se estas duas fronteiras internacionais, onde se tem cerca de 1.900km de fronteiras.

Esta questão das fronteiras estará em epígrafe mais a diante, assim como também, em nível de divisas estaduais nacionais com os estados brasileiros do Pará ao Sudeste e do Amazonas ao Sul e Sudoeste. Roraima pode ser considerado como a última fronteira, sendo uma área pouco povoada e pouco populosa do norte brasileiro.

Figura 1 – O Estado de Roraima no contexto Amazônico.



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

O Estado de Roraima concentra, apenas, 2,51% da população da macrorregião Norte 505.000hab (IBGE 2015) e, no contexto nacional a população absoluta equivale apenas a 0,0025% da nacional, com 2,23hab/km² segundo dados absolutos do IBGE.

O Estado constitui-se numa das unidades da Amazônia Legal Brasileira e Internacional, sendo parte da região Norte do Brasil. É considerado estado de fronteira, dado seus 1.922 km, aproximadamente, de limites internacionais como já citado, sendo 958 km com a Venezuela e 964 km com a Guiana. Essa área de fronteira constitui faixa de segurança nacional, o que lhe confere posição estratégica no que concerne às relações internacionais.

Conforme o quadro 01, próxima página, tem-se mais de 1.900 km de fronteiras, somente internacionais, na soma das fronteiras Venezuelana com a fronteira da República da Guiana.

Na análise da perspectiva de criminalidade, isso indica segundo informações do Coronel Nelson Gonçalves, nome fictício, (entrevistado, em 25 de outubro de 2014, Coronel Polícia Militar, aposentado), a possibilidade de fuga de meliantes, mas também a entrada destes, que veem no Brasil, com moeda forte, ou pelo menos mais forte que as dos respectivos países em questão, uma perspectiva de melhoria de vida, neste momento econômico, ou seja, finais 2014 início de 2015.

Quadro 01

LIMITES GEOGRÁFICOS	<i>Km</i>
Venezuela	958
República Cooperativista da Guiana	964
Amazonas	1.375
Pará	160

Fonte: IBGE – SEPLAN-RR/CGEES (2015).

Essas melhorias não são representadas pelo crime, mas pela possibilidade de trabalhos, informais, como a venda de produtos oriundos daqueles países, como também prestação de mão de obra desqualificada, a exemplo da construção civil e no caso de mulheres em casas de família como domésticas.

No entanto, alguns destes imigrantes, acabam cometendo delitos em território brasileiro, o que os diferencia de brasileiros emigrantes que por sua vez, utilizam estas mesmas fronteiras, para trabalharem nos garimpos ilegais dos países fronteiriços e muitas das vezes como rota de fuga quando do cometimento de delitos cometidos em solo brasileiro.

É importante salientar que a questão migratória não é responsável pela violência urbana, no sentido amplo, mas é importante variável a ser discutida e entendida nas questões que envolve este tema. Uma vez que o estado de

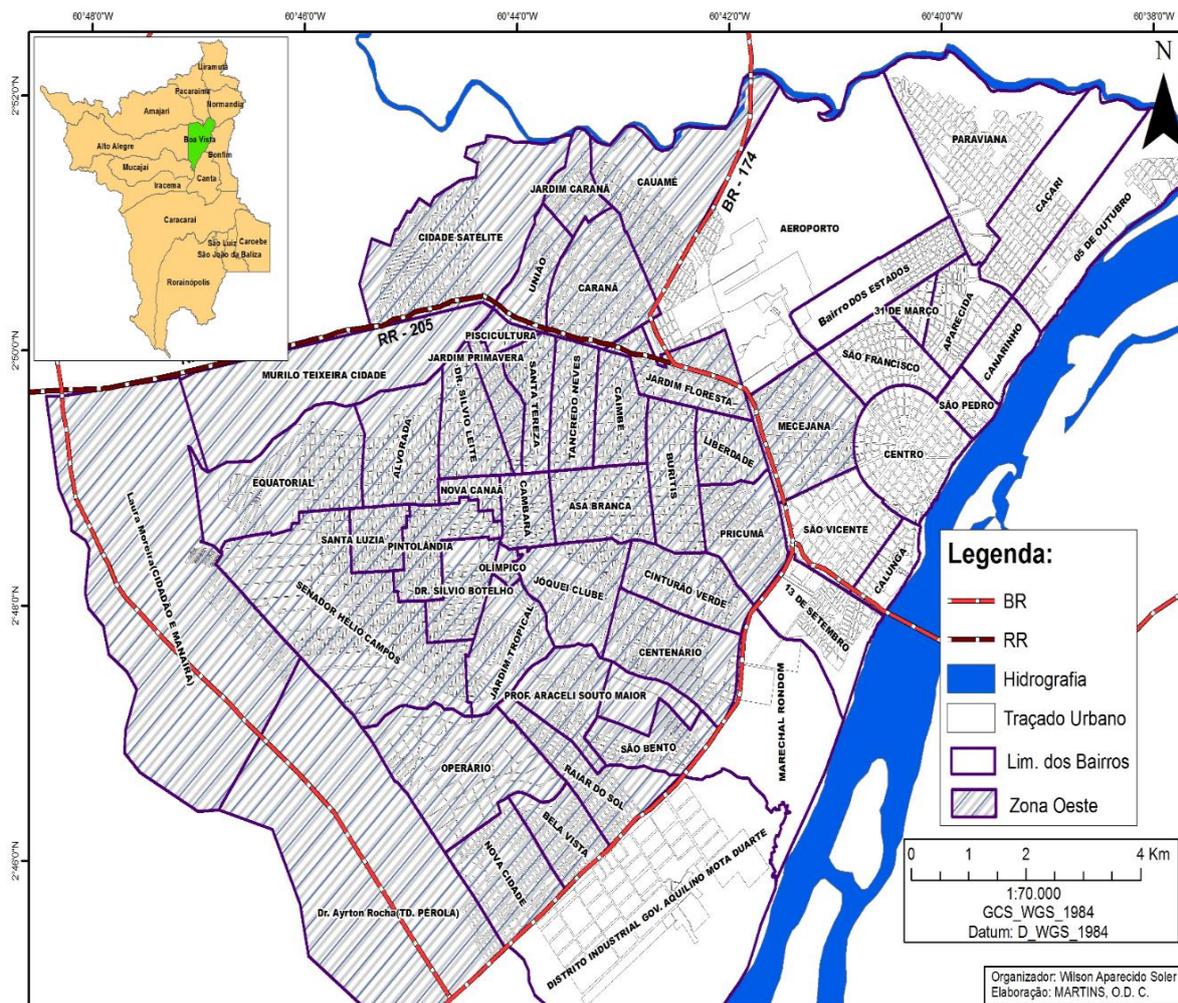
Roraima se constitui na sua grande maioria de migrantes, entretanto este viés científico não é o objeto desta pesquisa.

A seguir no subitem 3.2 caracterizaremos a Cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima.

3.2 A CIDADE DE BOA VISTA

Localizada na Latitude $02^{\circ} 49' 11''\text{N}$ e Longitude $60^{\circ} 40' 24''\text{O}$, a Capital do estado de Roraima, Boa Vista, conforme figura 02, possui um processo peculiar de formação, sobre o qual encontram-se vários trabalhos descrevendo e relatando esse processo.

Figura 02 – A Cidade de Boa Vista



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

A Capital roraimense apresenta um problema do qual compartilham várias capitais brasileiras. Na tentativa de enumerar a quantidade de bairros, nos deparamos com distintos resultados, numa variação entre 50 e 59 bairros, ou seja, não há consenso os diversos órgãos pesquisados. Uma vez que se trata

de órgão de ampla divulgação de dados oficiais, e mais utilizados nas pesquisas geográficas, adotamos os números do IBGE (2015), de 59 bairros.

Conforme Ferreira et al., (1977, p.77), a origem da Cidade de Boa Vista está atrelada a questão político-administrativo e militar na sua gênese, assegurando que esse tipo de penetração foi responsável pelo surgimento dos fortins que se constituíram nos primeiros núcleos populacionais das Cidades de São Luiz, Belém, Macapá, Bragança, Manaus e Boa Vista.

Para Santos (2004, p. 92), Boa Vista foi “[...] fundada nos idos de 1876, quando foi transferida a pequena povoação de São Joaquim – que circundava o Forte do mesmo nome – [...]”.

Transferência que também é analisada por outros pesquisadores como determinante da gênese de Boa Vista, tal como Brasil (2005 apud FREITAS, 2009, p.13), que afirma que próximo ao forte de São Joaquim, “[...] formou-se uma VILA situada em uma estreita faixa de “terra alta”, uma vez que a região é alagadiça em época das chuvas”.

Ainda em Brasil (2005 apud FREITAS, 2009, p.14), destaca que “pela dificuldade de expansão, [da citada vila], procurou-se nova área onde a esta pudesse crescer sem a preocupação de inundação”. Cerca de 30 km a jusante do Forte havia duas fazendas fundadas por ex-comandantes do forte.

Estas se localizavam a margem esquerda do Rio Branco, sendo a fazenda São Pedro de propriedade do capitão Bento Ferreira Marques Brasil, onde hoje é o Bairro Cidade Santa Cecília; a 22 km e, a margem direita a fazenda Boa Vista criada pelo capitão Inácio Lopes de Magalhães.

Optou-se naquele momento, pela margem direita, bem próximo à sede da fazenda Boa Vista onde começou a cidade com as construções de moradias, formando a futura Freguesia de Nossa Senhora do Carmo do Rio Branco, 1858.

Sendo assim, existe uma forte relação entre a vila do forte, destacada aqui por Brasil (2005), que foi a sede da fazenda São José, com a atual Boa Vista,

pois, se transferiu essa vila para o lugar onde surgiu à sede da fazenda Boa Vista, a freguesia, a vila, a cidade e a capital.

Para Vicentini (2004, p. 69-120), ao classificar como se originaram vilas e cidades da Amazônia, destacando os aldeamentos, fazendas e missões, Boa Vista surgiu da parte da ordem religiosa Carmelita, da missão Nossa Senhora do Carmo. A mesma pesquisadora, cita que em 1814, São Joaquim concentrava 103 pessoas, enquanto, Nossa Senhora do Carmo, concentrava 161 moradores.

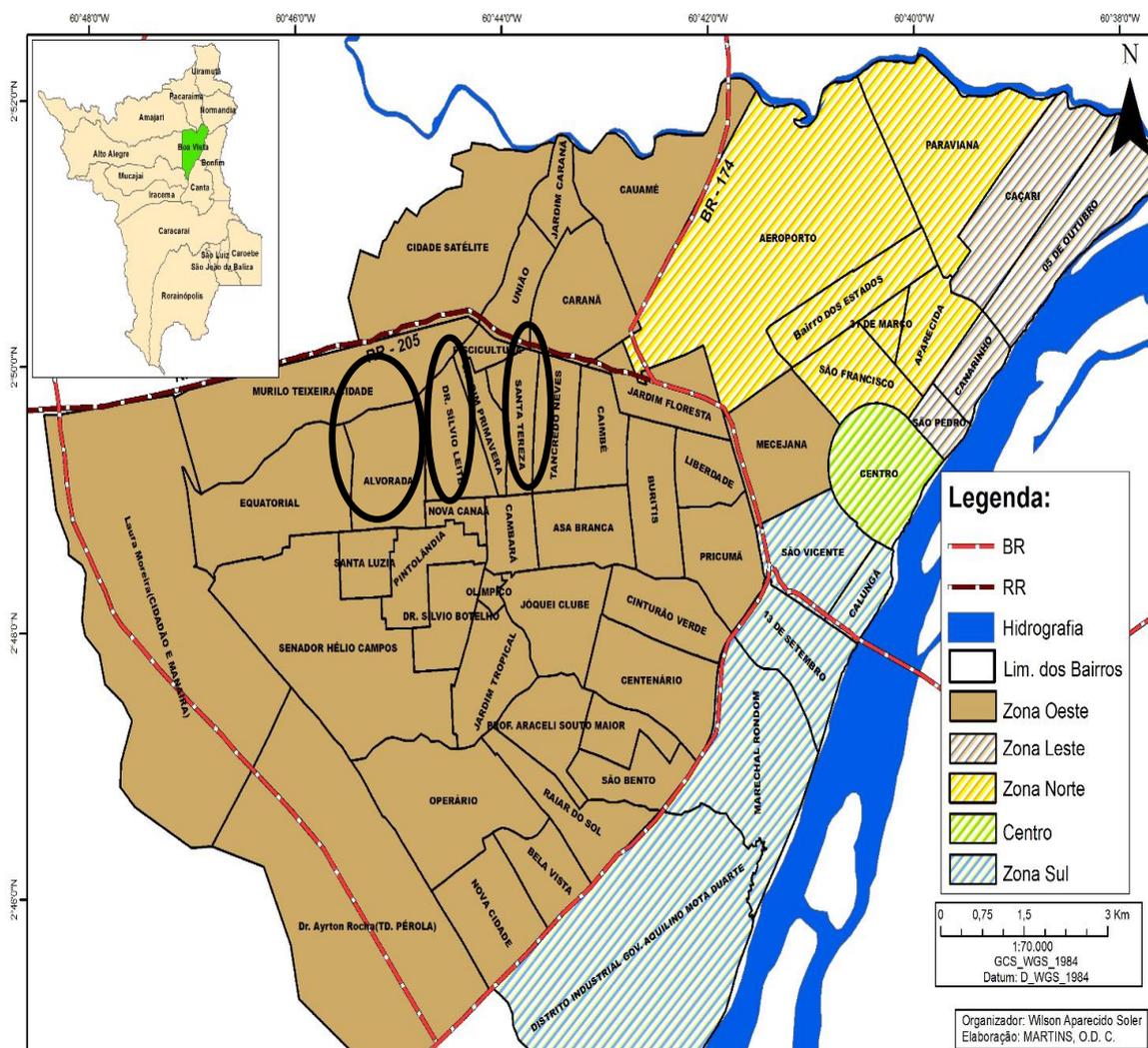
Colabora com essa discussão Agostinho (2001), que sugere que a localização de Boa Vista nessa margem direita do rio Branco ocorre por uma questão topográfica, pois é uma área alta que não inunda, corroborando com a questão citada anteriormente, da preocupação com inundação, assim como ali o canal do rio é mais profundo, diferente da margem esquerda que é inundada no período de chuvas. Para esse pesquisador esta mesma teoria pode explicar a localização do município de Caracaraí, mais ao sul do estado.

Mais adiante a partir do item 2.3 (página 41) será descrita a zona oeste de Boa Vista e sua gênese espacial, onde se localizam os Bairros, Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada.

3.3 - A ZONA OESTE DE BOA VISTA E OS BAIROS SANTA TEREZA, SILVIO LEITE E ALVORADA.

Na Zona Oeste de Boa Vista (Capítulo III da Lei nº 244, de 6 de setembro de 1991, que trata da promoção de desenvolvimento urbano, zoneamento, uso e ocupação do solo, sistema viário, parcelamento do solo), verifica-se a presença da grande maioria da população e área “urbanizada” (Figura 3 – Localização da área de Estudo Zona Oeste de Boa Vista), comporta cerca de 80% da população da cidade.

Figura 03 – Localização da Área de Estudo - Bairros na Zona Oeste da Cidade de Boa Vista.



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

A Zona Oeste conta com aproximadamente 250.000 habitantes de uma população total da cidade estimada em 320.714 (IBGE, 2015). É neste espaço

onde a cidade acontece, é onde se localizam os setores comerciais principais, zonas industriais, zonas de localização da logística do município, onde recentemente (novembro de 2014) foi inaugurado o primeiro shopping center da cidade.

Ações e Reações nestas áreas se refletem em todo o “restante” da capital. É onde também, por conta de aspectos distintos incluindo aí urbanização acelerada, condições desfavoráveis – como falta de escolas, estrutura básica, transporte, saúde, enfim a ausência do estado nas suas mais variadas formas.

A inexistência de quaisquer formas de associativismo e organização social, sendo a somatória destes aspectos negativos, terrenos férteis, para a vulnerabilidade humana, individual e social, que pode corroborar para o descaminho do indivíduo em direção ao fator criminalidade.

A concentração de precária qualidade de vida coletiva nos chamados bairros periféricos das grandes cidades resulta entre outros na explosão da violência que leva aos homicídios (crimes fatais com maior significância).

A literatura brasileira vai buscar apoio para suas pesquisas teóricas e empíricas principalmente na Teoria da Desorganização Social (CERQUEIRA e LOBÃO, 2003, p. 5-23; ABRANCHES, 1994; ZALUAR, 1994), para tentar explicar por que essas áreas vulneráveis são mais suscetíveis ao fenômeno, no entanto aqui está se verificando como este se dá em termos de indivíduo, família e no seu dia-a-dia.

Mapas da violência, realizados para algumas capitais brasileiras como Rio de Janeiro, Salvador, Curitiba e São Paulo (CEDEC, 1996, p. 97; NEV-USP, 2000) indicam que as taxas de homicídios são flagrantemente mais elevadas nessas áreas do que nos bairros que compõem o cinturão urbano melhor atendido por infraestrutura urbana, por oferta de postos de trabalho, por serviços de lazer e cultura. (ADORNO, 2010).

A zona Oeste de Boa Vista, conforme (figura 3) página 41, comparada a totalidade da cidade, pode ser considerada um espaço sob forte influência dos meios técnicos científicos informacionais, e em processo de implantação, na

definição de Santos (1998), não sendo portanto, totalmente desprovida de amenidades.

Numa leitura comparativa a Zona Leste da cidade, por exemplo, está em pleno processo de construção, um espaço fragmentado e articulado, e em plena re-territorialização conforme Haesbaert, (2004).

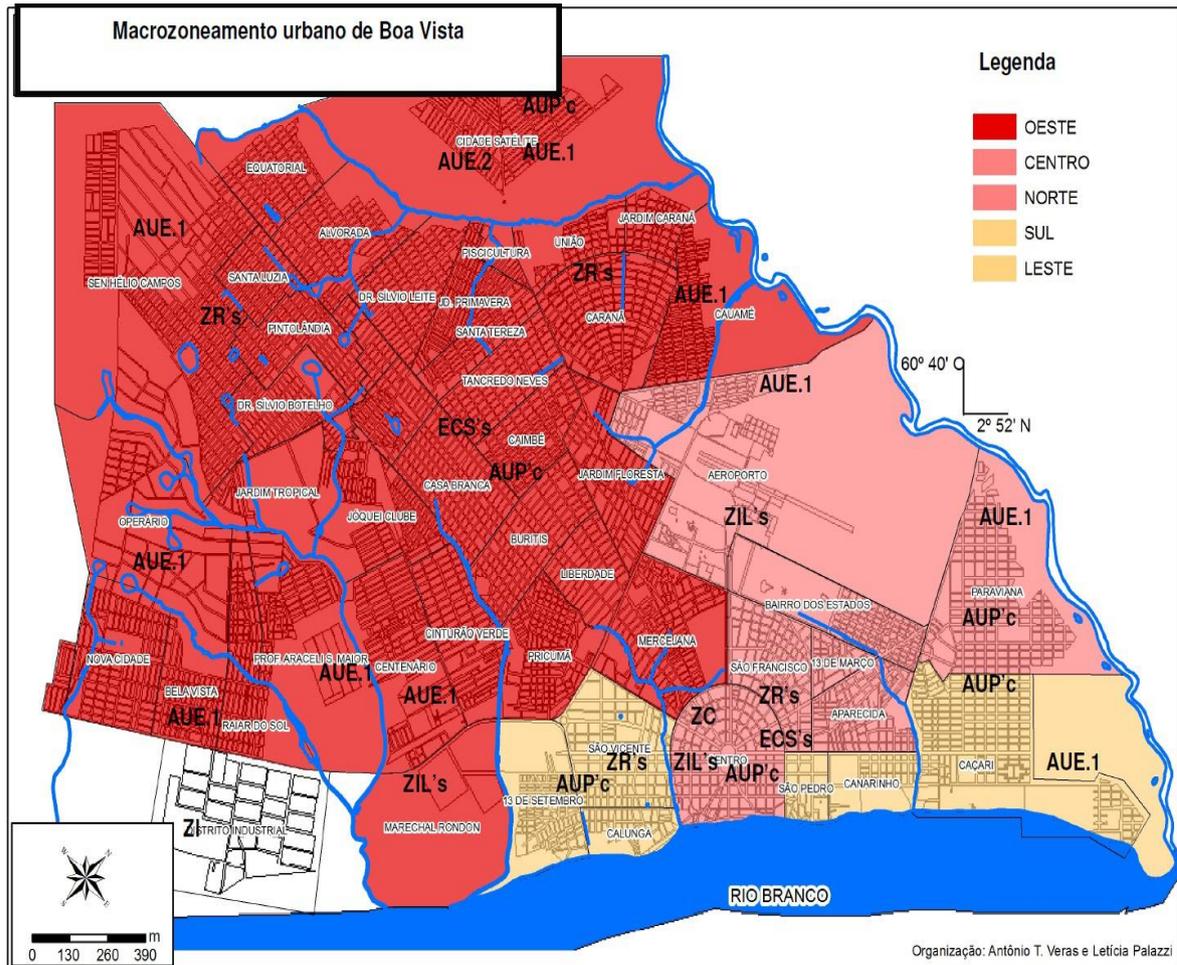
Este processo urbano se faz, presente e visível, uma vez que a grande maioria da população daquele espaço é de origem de outro “lugar” do país, conforme constata, Freitas (2004).

No seu livro “O Mito da Desterritorialização”, Haesbaert (2004) lembra que este processo é cruel, uma vez que os sujeitos desta ação perpassam por caminhos sinuosos e são, na maioria das vezes, rechaçados por serem obrigados a rearranjos e readaptações.

Na referida área que pode ser verificada na figura 03 da página 41, localizam-se 39 dos 59 bairros que compõem a Cidade de Boa Vista, desde os mais populosos como o Jardim Equatorial (antigo Pintolândia) com cerca de 11.100hab até os menos populosos como o Operário com seus pouco mais de 400hab (IBGE, 2013).

As políticas públicas de ocupação nesta área são variadas, chamando a atenção, a implantação do Hospital Universitário, mas do qual, ainda se tem dúvidas dessa implantação, ainda que por conta deste anuncio houve muita mobilização de vários setores, a Vila Olímpica e ainda outras próteses de importância e, por último, o Shopping Center, que trouxe de imediato mudanças significativas na infraestrutura do entorno do empreendimento, bem como, nos bairros que compõem toda a área.

Figura 4 – Evolução do Espaço Urbano de Boa Vista



Legenda: AUP'C – Área urbana parcelada consolidada \ AUE – Área urbana de expansão (AUE.1 – destinado a implantação de loteamentos AUE.2 – de interesse funcional voltado para implantação de equipamentos de médio e grande porte: cemitério, indústrias, galpões etc). \ ZC – Zona central \ ZR's – Zonas residenciais \ ECS's – Eixos comerciais e de serviços \ ZIL's – Zonas Institucionais \ ZI – Zona Industrial. **Fonte:** IBAM, 2006.

Fonte: Veras (2009).

Conforme se verifica na figura 04 (VERAS, 2009), as áreas que compõem a configuração em produção da Cidade de Boa Vista e, por conseguinte da Zona Oeste, de cor mais acentuada (áreas em vermelho) são mais recentes, anos 80 em diante, sendo extremamente recentes, obedecendo a lógica do crescimento extraordinário (índices bem maiores que a média nacional, 3,5%/IBGE/2013) e acelerado, mais precisamente dos anos 80 para os dias atuais.

Para Veras (2009), a capital roraimense tem sofrido com a expansão urbana e a ocupação desordenada que abrange grande parte desta área, zona oeste. “O crescimento desordenado prejudica o transporte de Boa Vista, pois tem-se apenas uma única avenida que liga a zona oeste ao centro da cidade e isso gera um caos no trânsito roraimense que está em crescimento”, comentou o Pesquisador.

Ainda segundo Veras (2009), este crescimento, sem o mínimo de suporte técnico ou planejado na Zona Oeste também afeta os serviços básicos de atendimento à população. “Dentre os principais problemas está a ausência de equipamentos urbanos: creches, hospitais, escolas, centros de lazer”.

Na sequência o referido pesquisador ressalta que quando não há um acompanhamento da gestão municipal no crescimento da cidade, não há também a promoção dos serviços de apoio nessas localidades.

A população não absorvida pelo chamado “círculo superior da economia” acaba por se aglomerar nas periferias, num confronto evidente entre riqueza e pobreza no mundo do trabalho. É ali, nos espaços opacos, nos quais a atuação do estado é escassa, que o crime organizado cria um circuito informal que gera novas territorialidades.

“O setor Oeste, o periférico, é marcado pela privatização dos benefícios da urbanização e pela marginalização das populações mais pobres, historicamente excluídas dos bens e serviços produzidos pela sociedade”. (VERAS, 2009, p. 18).

Apesar do crescimento desordenado, as áreas que antigamente eram invasões foram regularizadas e urbanizadas. O ex-chefe do IBGE/RR, Vicente de Paula explica em entrevista Portal Amazônia (www.portalamazonia.com.br), em 09/07/2012 - que os políticos roraimenses concedem “benefícios públicos” para atender esta população da Zona Oeste, como uma forma de gerar uma dependência política, bem como registra-se também em programas como o Minha Casa-minha-vida.

O Crescimento “desordenado” na zona oeste da capital roraimense também gera problemas ao meio ambiente. Conforme Veras (2009), as construções em áreas de preservação ambiental e a canalização dos igarapés da área urbana de Boa Vista têm contribuído para uma futura escassez dos recursos naturais ainda existentes na cidade. “Se não houver um cuidado por parte da gestão municipal, os recursos naturais de Boa Vista irão desaparecer”, afirmou o geógrafo, ainda como se verifica no citado site (VERAS, 2009).

Os aspectos relacionados encontram sustentação na tese de Sampson e Groves (1989), que entendem a violência como consequência de problemas referentes ao controle social. A teoria da “Desorganização Social” considera aspectos como as migrações, os níveis de urbanização, o status econômico, a heterogeneidade étnica e a mobilidade residencial como elementos que fragilizam a coesão social.

Através de afirmações como as supracitadas e sabendo-se que as fronteiras intra-urbanas se manifestam em ocorrências e, em ações que transcendem essas próprias fronteiras, devem ser analisadas, para se entender essa dinâmica. E quais os prognósticos? Para se obter prognósticos, tem-se que obter planos, mas, segundo Villaça (1999, p. 238), “os planos diretores, sequer tem um conceito consensual entre os estudiosos, e não são executados de maneira adequada”.

Para Singer, (1995, p 177), planos não só (eram) ou são falhos por “[...] tomarem os desejos pela realidade [...]” Segundo este autor não são executados, ou seja, as cidades não contemplam, de fato, ações de planejamento e acompanhamento destas ações.

Ainda sobre planos e projetos urbanos, elaborados ou sob a égide dos setores públicos Lefebvre (1969) ressalta que, o Espaço Urbano está sob a tutela dos setores técnico-administrativos, das burocracias ligadas ao urbanismo estatista – compostas por engenheiros, arquitetos, urbanistas, economistas, consultores, políticos etc.

Aos quais são colocados ao desafio de pensar e agir sobre esse setor, aparentemente livre. Mas para Lefebvre esses profissionais...

“Dispõem apenas de um poder de decisão limitada; com efeito, engenheiros se tornaram administradores executam ordens, as ordens do poder político que dispõe das variáveis estratégicas. O Poder impõe aos tecnocratas de que dispõe as escolhas decisivas. Estes propõem soluções para os problemas oficialmente reconhecidos e formulados e o poder estatal escolhe entre elas” (LEFEBVRE, 1969, p. 15).

No item seguinte (2.4) teremos uma abordagem de cada um dos bairros estudados, no que se refere a suas populações, gênese e outras características geográficas.

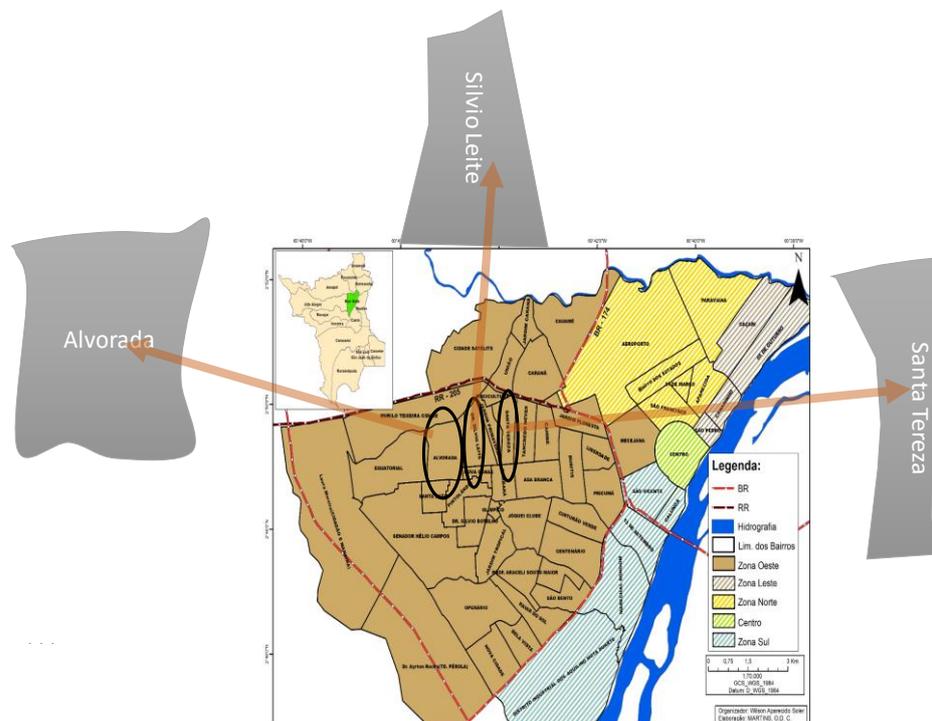
3.4 – OS TRÊS BAIRROS MAIS VIOLENTOS DA CIDADE DE BOA VISTA.

Tem-se a seguir, um breve histórico e as características socioespaciais dos Bairros Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada, recorte espacial desta pesquisa, que segundo investigações detém os maiores índices de violência urbana detectados na capital roraimense. O Poder do tráfico é fragmentado na área, cada espaço é devidamente controlado por facções distintas que constantemente disputam esses espaços através da violência.

Levou-se em consideração, para detecção destes bairros mais violentos, os relatos de policiais de campo, ou seja, os policiais que trabalham nas ruas com os quais manteve-se contatos ao longo da investigação.

Através destes relatos, os policiais foram unânimes na indicação destes bairros, uma vez que a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Roraima não dispõe de números confiáveis para fornecer à investigação, conforme resposta de ofício enviado, solicitando os referidos dados.

Figura 5 – A Cidade de Boa Vista - Zona Oeste - Bairros em destaque



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

3.4.1. - Bairro Silvio Leite: Surgiu em 1986, por conta de loteamento imobiliário na área pertencente à antiga fazenda Jardim Equatorial, tendo sua primeira nomeação como Equatorial I, II e III. Entretanto, no final da década passada ocorreu a mudança de nomes e o Equatorial I passou a ser denominado Bairro Dr. Sílvio Leite (figura 06 abaixo), em homenagem ao prefeito assassinado de Boa Vista, em frente ao Parque Anauá o então advogado Sílvio Sebastião de Castro Leite, o qual foi o 62º prefeito de Boa Vista. Ele assumiu a Prefeitura da capital em 1º de janeiro de 1986, sendo seu assassinato em 09 de outubro de 1987.

Figura 6 – Vista Parcial do Bairro Silvio Leite



Acervo de Wilson A. Soler (2015).

Segundo a Secretaria Municipal de Gestão Participativa e Cidadania (SEMGE, 2015) grande parte dos terrenos, que hoje compõem o bairro, como se visualiza figura 06 acima (rua típica), foram ocupados por ex-garimpeiros que migraram para o Estado em busca de melhores condições de vida e, por não obterem êxito na atividade de extração mineral não tinham condições de retornar à terra de origem, acabando por permanecer em Boa Vista em áreas invadidas, casas alugadas ou cedidas, ou casa de parentes.

Tabela 01 – População Bairro Silvio Leite

Faixa Etária	População	Porcentagem
0 a 4 anos	876	9.9%
0 a 14 anos	2832	32%
15 a 64 anos	5831	65.9%
65 anos e +	195	2.2%
TOTAL	9734	

Fonte: IBGE – Censo (2010).

Figura 07 – Rua do Bairro Silvio Leite

Acervo de Wilson A. Soler (2015).

3.4.2. - Bairro Santa Tereza: Surgiu em 1989, tem como patrocinador o Governo do Estado, conforme Silva (2009, p. 48), com doações de terrenos para assentamento de famílias carentes.

Tabela 02 – População Bairro Santa Tereza

Faixa Etária	População	Porcentagem
0 a 4 anos	731	9%
0 a 14 anos	2273	28%
15 a 64 anos	5545	68.3%
65 anos e +	300	3.7%
TOTAL	8.849	

Fonte: IBGE – Censo (2010).

Abaixo na figura 08, observa-se uma rua típica do Bairro Santa Tereza com sua nomenclatura de ruas característica, com nomes de peixes, destacando-se no detalhe a questão de infraestrutura deficitária com falta de calçamentos, e lixo espalhados.

Figura 08 – Vista Parcial Bairro Santa Tereza



Acervo de Wilson A. Soler (2015).

Na figura 09 em seguida pode-se verificar uma das várias residências com placa de venda, fato comum neste bairro, confirmando as declarações de moradores que relatam essa intenção em entrevistas, ao longo da pesquisa.

Destaca-se também na, figura 09, o nome da rua “Pirandirá”, (peixe comum da região amazônica), conforme relatado anteriormente.

Figura 09 – Residência à venda. (Bairro Santa Tereza)



Acervo de Wilson A. Soler (2015).

3.4.3. - Bairro Alvorada: O Bairro teve origem nos mesmos moldes do Bairro Silvio Leite, ou seja, através de empreendimento imobiliário, e também sendo alterado seu nome para Alvorada, na década de 90.

Figura 10 – Residência à venda na Rua Curitiba

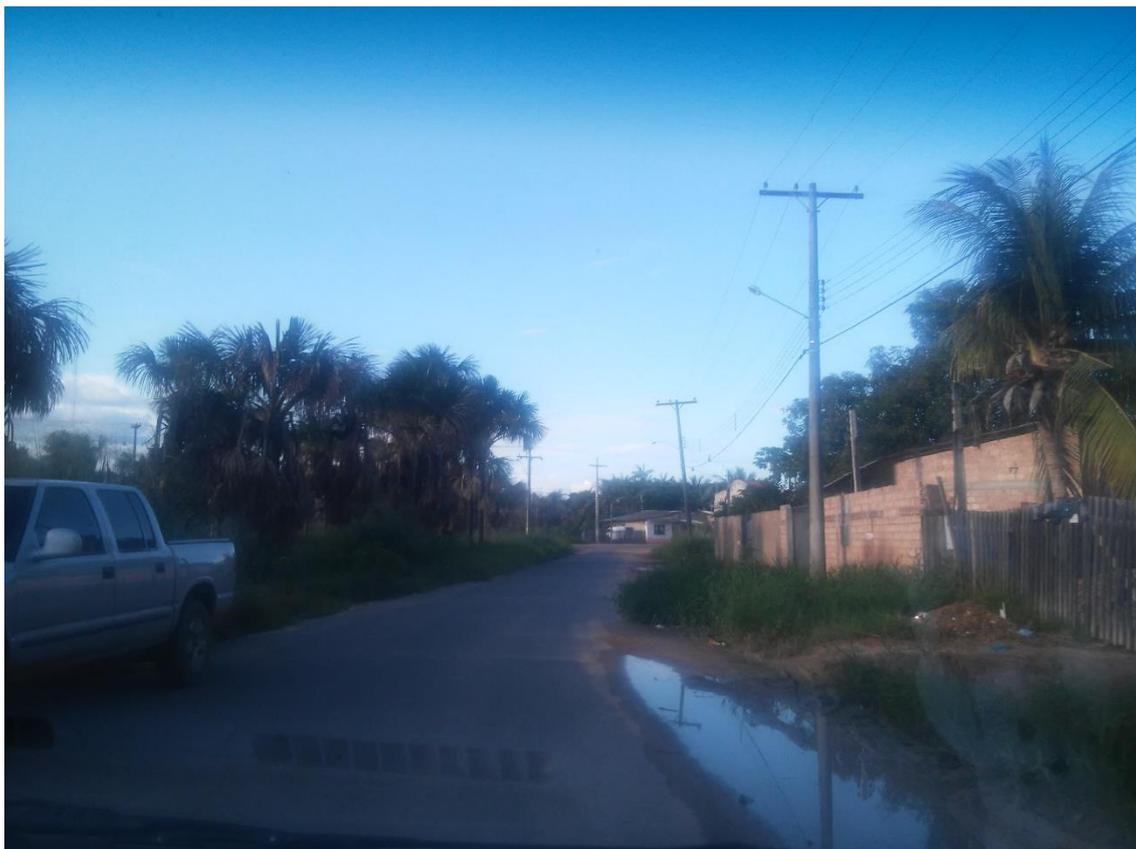


Acervo de Wilson A. Soler (2015).

Verifica-se na figura 10, uma residência a venda, fato inúmeras vezes observado e que se mostra comum aos bairros estudados. Esta residência localiza-se à beira do Igarapé que divide este bairro com o residencial Cruviana, sendo uma área de matagal, onde é comum a atuação de delinquentes, no consumo de drogas, furtos a transeuntes e ainda utilização deste local como rota de fuga e esconderijo.

Na figura 11, próxima página, pode-se visualizar a situação acima descrita sobre a área de mata, que fica exatamente em frente à residência registrada na imagem, do outro lado deste buritizal, localiza-se o residencial Cruviana. Ratificando aqui os escritos sobre reprodução de periferias nas capitais, e que a partir de 1990 se intensifica em Boa Vista.

Figura 11 – Vista parcial “Rua Curitiba” (Bairro Alvorada)



Acervo de Wilson A. Soler (2015).

Tabela 03 – População Bairro Alvorada

Faixa Etária	População	Porcentagem
0 a 4 anos	815	10.3%
0 a 14 anos	2.707	34.2%
15 a 64 anos	5.041	63.7%
65 anos e +	174	2.2%
TOTAL	8.737	

Fonte: IBGE - Censo (2010).

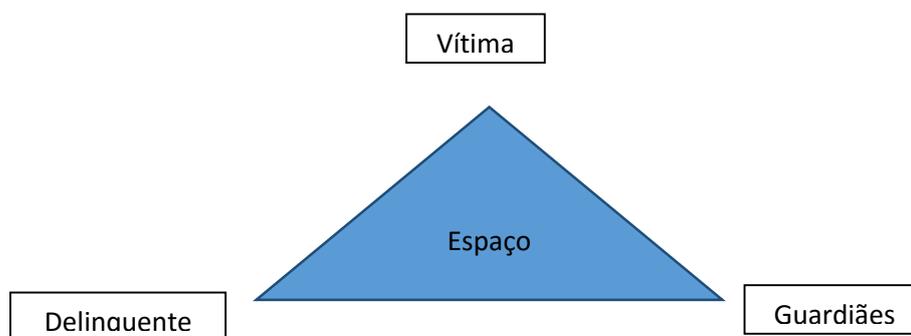
Após análise das características dos Bairros Silvio Leite, Santa Tereza Alvorada, também foi possível visualizar as condições precárias de infraestrutura, bem como, das condições de salubridade, com lixo em lugares inadequados. Corroborando com as teorias da Segregação Social, como fator importante para manifestação nestas áreas de vulnerabilidade, do aparecimento e da proliferação do fenômeno da violência urbana (ADORNO, 2002).

Neste contexto pode-se, com segurança, aplicar as elucidações da Teoria da Abordagem das Atividades de Rotina – (Routine Activity Approach) de Cohen e Felson (1979). Numa perspectiva de que, pode-se explicar as taxas de violência e o seu aumento, não pelas características dos criminosos, mas sim pelas circunstâncias em que os crimes ocorrem.

Esta teoria especifica sistematicamente três elementos que seriam essenciais para que o crime ocorra. (1) Um delinquente motivado (2) Vitima (ou alvo em potencial) (3) falta de guardiães - Conforme figura 12. Essa abordagem considera que o dia-a-dia reúne os três elementos acima citados no tempo e no espaço geográfico.

Os referidos autores demonstram também que características como local da residência, dos meliantes e das vítimas, a inter-relação entre estes, e outros dados, são intrinsecamente entrelaçados, e corroboram para uma maior convivência entre violência e cidadãos.

Figura 12 – Modelo representativo da Teoria das Atividades Rotineiras (Cohen e Felson - 1979)



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

Uma vez apresentada esta teoria, pode-se através desta fazer diagnósticos e prognósticos, para articulação da prevenção do crime, ou seja, levando-se em consideração o ambiente situacional ou designe de como o criminoso se move no espaço urbano, como pensam e como respondem às oportunidades de cometimento de ilícitos.

É imperativo afirmar que os três bairros aqui em epígrafe, tem características e obedecem essas dinâmicas, tanto da teoria das atividades rotineiras, quanto no que se refere às implicações da Teoria da Desorganização Social, salvo algumas observações em relação a esta última.

No capítulo 03, a seguir faremos uma contextualização de como a ciência geográfica tem-se postado ao longo do tempo em relação ao estudo da violência urbana, bem como, o tratamento dado à temática por esta ciência na contemporaneidade.

4 - A VIOLÊNCIA URBANA NO ESTUDO DA GEOGRAFIA

O geógrafo assume, um papel importante na compreensão do fenômeno da criminalidade urbana e sua relação com o espaço a partir da visão da ciência geográfica pois, segundo André (2009, p. 56) “[...] a perspectiva espacial da Geografia pode oferecer uma série de contribuições, sobretudo na perspectiva Inter escalar [...]”, assim sendo é necessário reforçar a importância do estudo da violência como um elemento fundamental na dinâmica e na construção do espaço urbano, sob uma ótica geográfica.

Na contemporaneidade os estudos mais contundentes sobre a geografia do crime ocorreram nos EUA, na escola de Chicago na década de 1970. No Brasil, algumas iniciativas isoladas têm se destacado, também se iniciando nos anos 70, merecendo evidenciar o grupo formado por geógrafos da PUC Minas que inovaram ao contemplar, em suas pesquisas e publicações, a criminalidade violenta nas cidades médias mineiras.

Conforme, Ferreira e Penna (2005), a geografia preocupa-se também com a territorialidade configurada pelas diversas facetas da criminalidade, de como estas facetas formam e delimitam territórios, para estas autoras...

“A importância de como violência urbana atinge nossas cidades a muito extrapolou as questões de quantitativos, pelo número de pessoas atingidas, mas a sua abrangência e a complexidade do fenômeno, na atualidade, é o que mais preocupa. É a nova faceta da criminalidade ligada ao crime organizado que gera insegurança nos cidadãos, interfere no território e se torna um poder paralelo ao do Estado”. (FERREIRA e PENNA, 2005, p.156).

Descrever e entender a localização espacial dos fenômenos demográficos urbanos, as atividades econômicas das cidades, os grupos sociais em que elas residem, a competição pelos usos do solo, constituem um dos problemas chave em torno dos quais a geografia urbana tem levantado, e tentado dar distintas

formas de aproximação, umas vezes originadas na própria geografia, e outras baseando-se em estudos desenvolvidos por outras ciências, sendo que poucos objetivos foram marcados com tanta intensidade a evolução histórica da geografia como a tentativa de responder às perguntas de onde e porquê.

A geografia da violência urbana não ia ser diferente e desde seus momentos de origem, a intenção prioritária centrou-se na realização de inventários sobre a localização dos atos delitivos e dos lugares de residência dos delinquentes e se destacam sempre a distribuição do fenômeno delitivo em uma cartografia em diferentes escalas, junto à tentativa de explicá-la, destacando explicações do tipo social, demográfico, econômico incluindo razões históricas ou ligadas ao meio físico.

“O espaço urbano se apresenta como algo complexo, campo onde as relações humanas se estabelecem e cristalizam nas suas formas e nas relações entre elas. É nesse espelhamento entre as ações e sua dinâmica no território que surge uma geografia do crime, em que cada ação de quebra da ordem e, conseqüentemente, de um ato de violação dos direitos do cidadão, adquire uma dinâmica e personalidade própria, estabelecendo um conjunto de ações que se interligam a outros fenômenos urbanos, interferindo e moldando a percepção que cada indivíduo passa a ter do espaço onde vive” [...] (FRANCISCO FILHO, 2003, p.27).

A ciência geográfica tem dado grande contribuição aos estudos interdisciplinares que focam essa temática. Segundo Félix (1996), a geografia tem buscado, à luz de teorizações diversas, por meio de análises associativas e em conexão com outros campos científicos, explicar as múltiplas desigualdades espaciais e todo o processo que as origina.

Torna-se, portanto, imperativo afirmar que "construir uma visão da violência a partir da Ciência Geográfica, para demonstrar que a Geografia pode oferecer contribuições que vão além da mera localização de tipologias de violência" (ANDRÉ, 2009, p. 53).

Há muitas interpretações do que seria o objeto geográfico. Ratzel apud Fernandes (1990), afirma que a Geografia estuda as "relações recíprocas entre sociedade e meio, entre a vida e o palco de seus acontecimentos".

Filósofos que buscaram criar uma ontologia marxista como Georg Lukács, influenciaram a construção de um modelo de análise do objeto da Geografia. Milton Santos se debruçou sobre a construção de um modelo ontológico, explicitado na análise dialética do movimento da totalidade, para o lugar, é o lugar da violência o foco mais interessante das pesquisas que buscam conhecer o tema, a partir do conhecimento geográfico.

Quando o sociólogo Charles Booths descreveu em Londres vendedores ambulantes, artesãos, prostitutas, e delinquentes, em seu livro *Londres: Life and Labour of the people in London* (London: Macmillan, 1889) (Vida e trabalho das pessoas em Londres), em pesquisa realizada entre 1891 e 1897 (LINDÓN e HIERNAUX, 2006), as questões da criminalidade daquele momento, deixando valiosíssimo legado das condições de vida urbana dos grupos sociais das classes menos abastadas desta metrópole, acompanhando este trabalho uma série de mapas que completavam de forma rica e minuciosa os espaços mais propícios as ocorrências de violência na capital inglesa.

Os trabalhos de Charles Booths, (SANZ, 2006) acima citado, caracteriza-se como sendo um dos primeiros estudos com conteúdo geográfico. Verificando-se claramente neste trabalho a preocupação de construção de mapas com a identificação de territorialidade dos agentes da violência. (Tratado de Geografia Humana).

Verifica-se que a geografia tem potencial explicativo no momento de relacionar a dimensão espacial dos comportamentos delitivos com outras características de base social ou demográfica, mas a geografia da violência

urbana não somente se interessa na construção de princípios gerais associados a localização também vem se interessando em outros níveis de análise que tenta-se descrever mais à frente.

Como se verifica, em (HERNANDO, 2001) os vínculos (geografia & violência urbana) tradicionais alcançaram sua melhor expressão a partir dos anos 70 do século XX quando a relação entre teorias procedentes da criminologia e da sociologia convertem a geografia da delinquência em um “*revival*” dos estudos sobre localização de atividade delitiva dando origem a uma não muito extensa, mas sim suficiente produção científica de origem anglo saxônica.

Dentre as mais diversas aproximações do que seja a Geografia, tem-se como consenso o estudo da superfície terrestre e a distribuição espacial de fenômenos geográficos, frutos da relação recíproca entre homem e meio ambiente, mas também pode ser, entre outras várias concepções, a geografia - uma prática humana de conhecer o espaço onde se vive para planejar onde se vive.

A ciência geográfica tem dado grande contribuição aos estudos interdisciplinares que focam essa temática. Segundo Félix (1996), a geografia tem buscado, à luz de teorizações diversas, por meio de análises associativas e em conexão com outros campos científicos, explicar as múltiplas desigualdades espaciais e todo o processo que as origina.

Apesar dos avanços nos estudos sobre a violência urbana e o crime na perspectiva espacial, muito pouco se produziu sobre o aspecto teórico entre a geografia e a criminalidade. Em geral, tais estudos incorporam as teorias e pesquisas desenvolvidas por sociólogos e criminologistas (DINIZ, 2006).

Conhecer os determinantes da Violência Urbana dos bairros aqui destacados como recorte espacial requer, sem dúvida, tarefa sistêmica de análise, as causas e os processos são infinitamente complexos.

Com cerca de 80% das populações da Amazônia nas cidades, a região com 61% do território nacional (IBGE), concentra populações segregadas num

sistema caótico de organização social, política e econômica. Leva às periferias das cidades pobreza, miséria e à favelização. Através de interfluxos da formação social local, nestas capitais e também nos municípios adjacentes e ainda em alguns mais distantes. Vale lembrar que Boa Vista e sua macrocefalia citada por Silva (2009), concentra 78% da população do Estado.

Na Amazônia com estas características a violência cresceu 135,7 de 2002 a 2012, (dados mais recentes/projeções indicam 143%), segundo Mapa da violência 2015/Flacso, sendo que em algumas capitais do sul e sudeste esses números não chegam a 50% no mesmo período e em alguns casos diminuíram.

O estudo foi elaborado pelo sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz, no ano de 2015 (mapa da violência) em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), com dados do Ministério da Saúde.

Observando esses dados, estas correlações, podemos nos apropriar da ideia de que a violência nunca será compreendida, se não a relacionarmos com o movimento do todo. E o ponto de partida para o estudo da totalidade dentro da Geografia é o conceito de território usado. (SANTOS et al., 2000).

Para compreender-se essa totalidade, não podemos absorve-la como literal, mesmo por que isso é impossível, “A totalidade é mais do que a soma das partes que a constituem” (KONDER, 1981, p. 37). “Na realidade, totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classe de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido” (KOSIK, 1976, p. 35).

É importante salientar que os processos de formação da população do estado de Roraima, e principalmente de sua capital, perpassa por caminhos diferenciados, daqueles formadores das populações dos grandes centros como São Paulo e outras capitais do Sudeste e Sul brasileiros.

Nestes centros temos a questão do êxodo rural, provocado principalmente por conta das políticas de industrialização do país a partir dos anos 50, e que se

acirra a partir dos anos 70. Como relata Lefebvre (2001, p. 10) as cidades da América do Sul e África são caracterizadas por urbanização, no sentido mais amplo do termo, rápida cercadas de favelas. Como salienta “nestes países as estruturas agrárias se dissolvem; camponeses sem posses e arruinados afluem para as cidades a fim de nelas encontrar trabalho e subsistência” (LEFEBVRE, 2001, p. 10)

Na Amazônia o contexto das grandes e rápidas migrações são diferenciados, excetuando-se o empreendimento implementado por Henry Ford que estava ligado ao cultivo de seringueira, às margens do rio Tapajós, no Pará, todos os demais megaempreendimentos denominados de grandes projetos datam da segunda metade do século XX.

O pioneiro foi o manganês do Amapá. O manganês extraído da Serra do Navio, nesse estado, escoava pela Estrada de Ferro do Amapá até o Porto de Santana, de onde rumava aos Estados Unidos da América. Também no Amapá, e Pará, um outro projeto saiu do papel e tornou-se realidade, desta feita, composto de três subprojetos: mineral, florestal e agropecuária. Trata-se do Projeto Jari, idealizado e implementado pelo engenheiro norte-americano Daniel Ludwig.

Tem-se também o Projeto Grande Carajás-PCJ, que engloba, entre outros Alunorte, Tucuruí, Albrás, no Amazonas a Zona Franca de Manaus. Por conseguinte, em Roraima, temos as questões fronteiriças enfatizadas pelos governos militares, que no seguimento da ideologia, de integrar para não entregar, vieram por sua vez fomentar a migração para a região, principalmente e mais uma vez de nordestinos.

Outro aspecto fundamental deste fomento migratório é, sem dúvida, o criadouro ou implantação de currais eleitorais nos entornos da cidade, como é o caso do Bairro Pintelândia (alusão ao nome do então Governador do Estado Otomar de Souza Pinto), na capital roraimense, que ao longo dos últimos anos foram fragmentados e renomeados, inclusive sendo os Bairros Silvio Leite e Alvorada, dois bairros resultantes deste processo.

O aspecto populacional, portanto, tem características diferenciadas na capital roraimense, aqui não houve inchaço populacional repentino, produzindo e reproduzindo periferias cheias de problemas e mazelas sócias, que ocorreram naquelas grandes metrópoles e que se verificam naquelas cidades, porém é imperativo dialogar em que elementos do passado recente, se pauta ou se sustenta esse comportamento violento atual que se verifica na cidade.

Há também segregação social como mencionado e que, por sua vez, como explicita Adorno (2002), fomenta a violência urbana, no entanto, os elementos aqui são diferenciados e parecem insuficientes para traçar-se essa dicotomia, produção de periferias excludentes e segregadoras, por conseguinte, terrenos férteis da produção de violência de imediato numa relação instantânea de ação e reação, num processo muito rápido e impactante.

Este processo rápido e impactante não se deu, no caso da capital de Roraima, este processo aqui seguiu seu curso de maneira mais cadenciada em fases de ocupação do solo, bem mais destacadas e claramente identificadas.

A seguir, no quarto capítulo, têm-se os resultados e a discussão dos dados de campo coletados junto às populações dos Bairros Santa Tereza, Silvio leite e Alvorada, e que através destas possamos compreender as percepções daquelas populações sobre o referido fenômeno da violência, mais ainda, o quanto esta afeta estas pessoas.

5- RESULTADOS E DISCUSSÕES: A PERCEPÇÃO DOS MORADORES SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA NOS BAIRROS SANTA TEREZA, SILVIO LEITE E ALVORADA

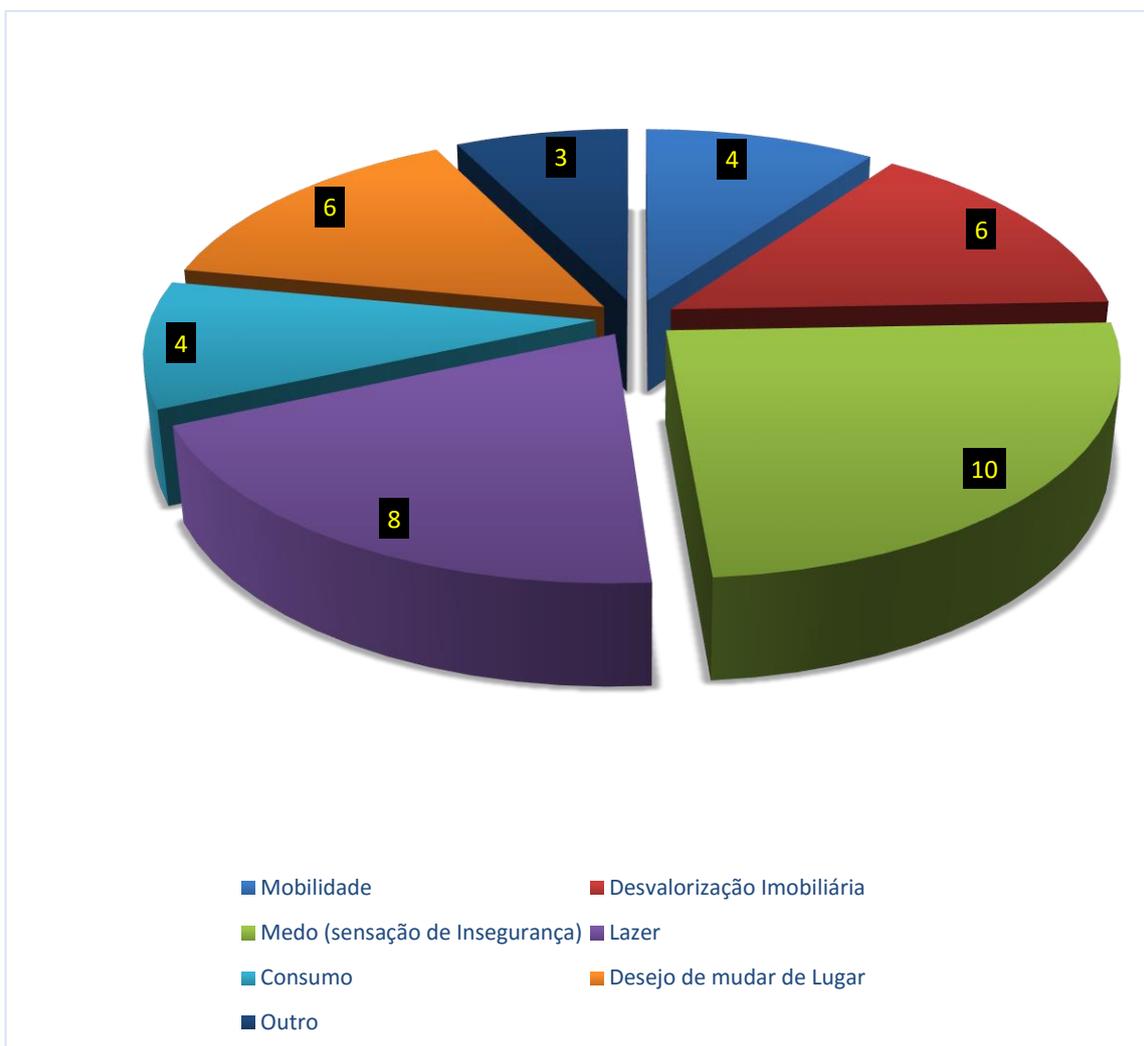
A análise dos resultados dos questionários aplicados, bem como seus indicativos dá-se um retrato de como os moradores percebem a violência urbana. Na figura 13, página 65, tem-se a percepção dos moradores através da atribuição de notas, conforme orientação, nos itens identificados como os mais incisivos sobre a violência urbana.

Através dos referidos resultados, poderão ser sugeridas estratégias para formulação, elaboração e aplicação de políticas públicas fundamentadas, para amenização dos prejuízos sociais ocasionados pela violência urbana, nos Bairros Silvio Leite, Alvorada e Santa Tereza.

A literatura brasileira vai buscar apoio para suas pesquisas teóricas e empíricas principalmente na Teoria da Desorganização Social (CERQUEIRA e LOBÃO, 2003, p. 5-23; ABRANCHES, 1994; ZALUAR, 1994), para tentar explicar por que essas áreas vulneráveis são mais suscetíveis ao fenômeno, no entanto aqui estamos verifica-se como este se dá em termos de indivíduo, família e no seu dia-a-dia.

Vale salientar que não há correlação entre percepção e índices, neste caso especificamente índices de violência, os números absolutos das ocorrências não irão refletir nem sugerem o sentimento global, este sentimento ou percepção é algo individual, ou seja, e percepção é individual e, que difere em intensidade através da maneira de expressão, mas quando uma comunidade mantém laços de solidariedade com o lugar por ela ocupado, o sentimento para com o mesmo torna-se um fator coletivo.

Figura 13 – Percepção dos Moradores - Notas atribuídas aos itens com maior prejuízo



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

A figura 13 acima foi gerada a partir do questionamento: Caso pudesse ser atribuída uma nota para os critérios elencados, o qual mais afeta a “sua vida” ocasionado pela violência urbana, em que grau, qual seria essa nota?

Verificou-se, portanto que o “medo” (sensação de insegurança) se destaca, como sendo o único critério a receber 10, uma vez que os moradores foram orientados a (se possível) não repetir a mesma nota, numa escala de 1-10.

Segundo Morais (1990, p. 12).

[...] “o medo é o pão cotidiano dos cidadãos. As casas não mais expõem suas fachadas românticas, pois cercam-nas muros muito altos [...]. As pessoas trafegam em seus automóveis com os vidros bem fechados para evitar abordagens perigosas em cruzamentos e semáforos e, dependendo de por onde andem à pé, sentem-se como se estivessem em plena prática da ‘roleta russa’ [...]. E em parte alguma há segurança”.

Em relação ao item Lazer, este apresenta-se em segundo lugar nesta escala de relevância quando, segundo os moradores, o “direito” fica comprometido pelo próprio resultado das consequências da ação do primeiro item que é o “medo”, denunciado pelos moradores em seus discursos, capturados por esta pesquisa.

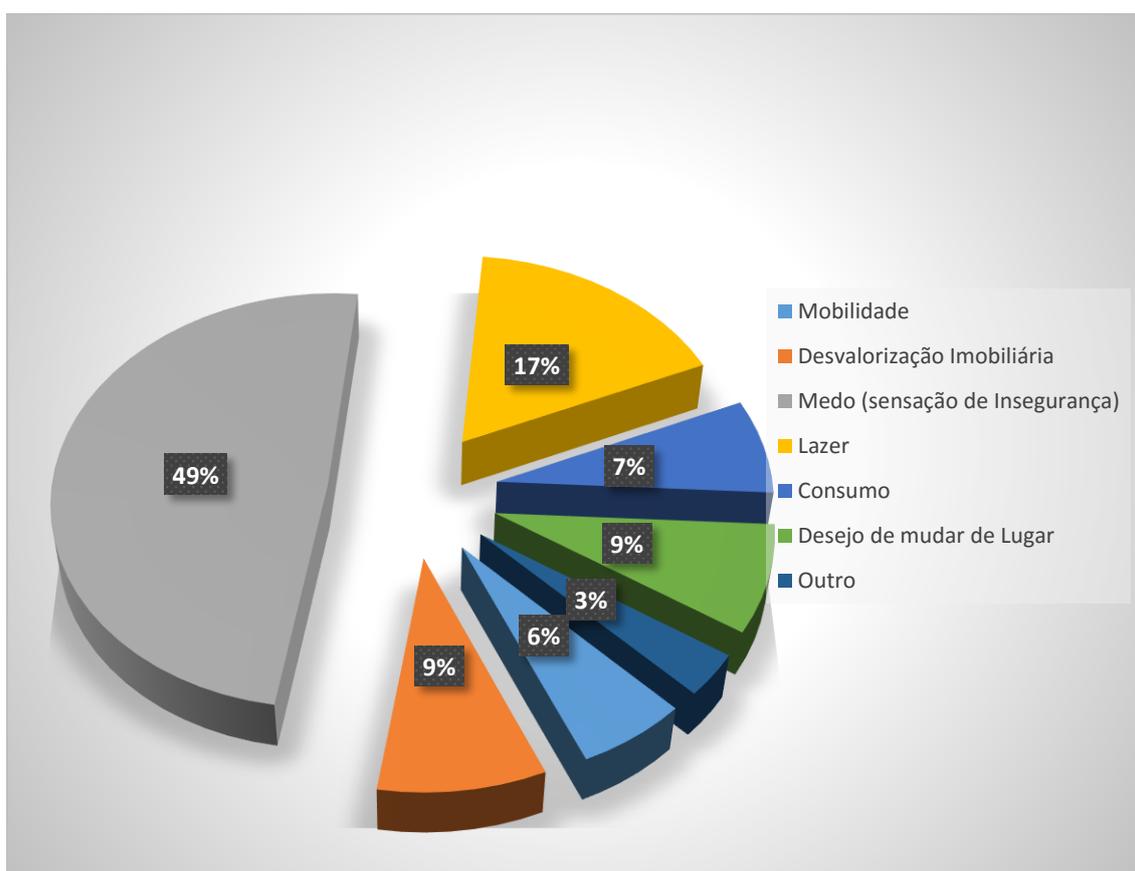
O Lazer é na verdade hoje somente direito e, pertencente aos delinquentes, os quais ocupam, praças e quadras poliesportivas, quando disponíveis e outros locais para que eles pratiquem o seu próprio lazer, em detrimento deste direito da grande maioria dos moradores. Esse sentimento, ou seja, o medo de se deslocar de suas residências, é uma derivação do sentimento de insegurança, segundo nossas percepções.

“A rua arranca as pessoas do isolamento e da insociabilidade. Teatro espontâneo, terreno de jogos sem regras precisas e por isto mais interessantes, lugar de encontros e solicitudes múltiplas — materiais, culturais, espirituais —, a rua resta indispensável (YAZIGI, 2000, p. 329)”.

Analisando em seguida os quesitos **desvalorização imobiliária e desejo de se mudar daquele lugar**, os quais obtiveram “notas” similares, e que no nosso entendimento se tratam de itens correlacionados, estes, ratificam, o que é notório nos relatos transcritos anteriormente, o desejo de algumas pessoas de se mudarem destes lugares.

No entendimento deste pesquisador sobre a obtenção das notas similares nos quesitos supramencionados, configuram na verdade, uma confirmação de que por conta da desvalorização imobiliária, as pessoas se desiludem com o seu “lugar” e passam a ter sentimento de desapego com o mesmo, numa constatação clara das considerações sobre o lugar e suas respectivas interações com a figura humana nos escritos de Yi-FuTuan (1980).

Figura 14 – Quesitos de maior relevância, causados pela Violência Urbana, indicados pelos residentes dos bairros, área de estudo



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

A figura 14 acima foi gerada a partir dos questionamentos, entre os itens indicados, qual o fator de maior relevância, em números absolutos, para as populações atingidas, do que mais as afeta em seu cotidiano. Estes números indicam, o quanto estas pessoas concordam e ratificam as atribuições (notas) anteriores.

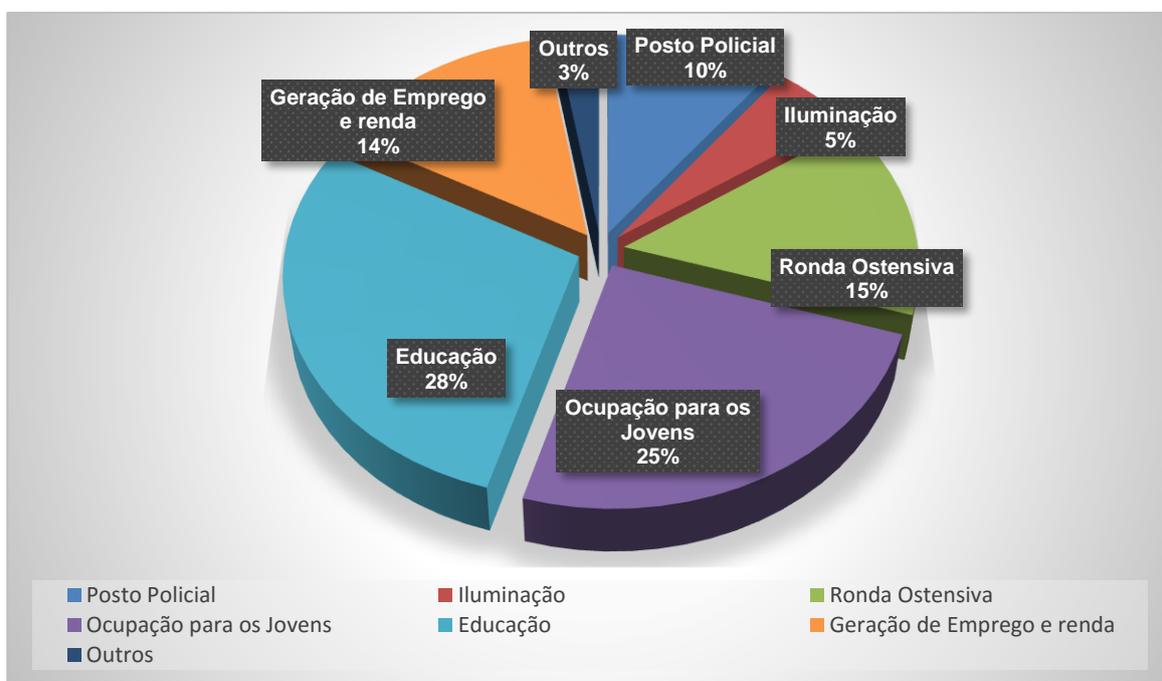
Através destes números (gráfico página 67), é possível traçar um prognóstico de como estas populações poderiam, e seu sofrimento serem suavizados em relação a violência da qual são vítimas, em termos de melhora de sua qualidade de vida, quando da possível aplicação de ações de políticas públicas mais eficazes no combate a esta Violência Urbana.

Baseadas nestes resultados e informações, oriundos daquelas comunidades, uma vez que estes resultados, são na verdade as reivindicações diretas destas pessoas.

Segundo os resultados o convívio com a violência urbana, traz para 50% dos entrevistados, o medo como maior prejuízo pessoal (o que não deixa de ser coletivo), e nos relatos foi fácil perceber, certo, desespero no que diz respeito a esse quesito.

No entanto analisando os outros quesitos não menos importantes, vê-se claramente que, a somatória das mazelas causadas por este fenômeno leva sempre a diagnósticos, de como estas populações são afetadas, nas suas vidas articularmente, coletivamente (física e psicologicamente).

Figura 15 – Ações Públicas em geral, na percepção dos moradores



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

Na figura 15, página 68, temos as revelações proporcionadas pelos questionários no que diz respeito sobre quais ações poderiam trazer melhorias no combate a violência naquelas áreas, é importante salientar que neste conjunto de questionamento não foi indicado em que “tempo” deveriam ser efetuadas essas ações, variável que iremos tratar mais à frente, essas respostas são de caráter geral.

Aqui temos uma revelação interessante, uma vez que, criamos ser a realização de policiamento ostensivo ou ainda implantação de delegacias, etc. nos bairros, no entanto, os itens **ocupação para os jovens** e **educação**, foram para nossa surpresa, as reivindicações, mais contundentes quando somadas, chegam a 53,2% dos quesitos escolhidos, ou seja, novamente quesitos que estão correlacionados, em nosso entendimento.

Esse número é surpreendente pelo fato de se tratar de população de baixa renda, com índices de escolaridade baixa, como foi descrito anteriormente, e que como é comum nestes casos, tais populações solicitarem na maioria das vezes a presença da polícia, ou ainda que se implantem mecanismos de contenção da violência através de outras ferramentas do Estado, como delegacias, viaturas e polícia nas ruas.

Fica evidenciado, em todo caso, que faltam na verdade ações de toda natureza, pois estas populações se encontram, como se diz no jargão da mídia “a mercê” do crime.

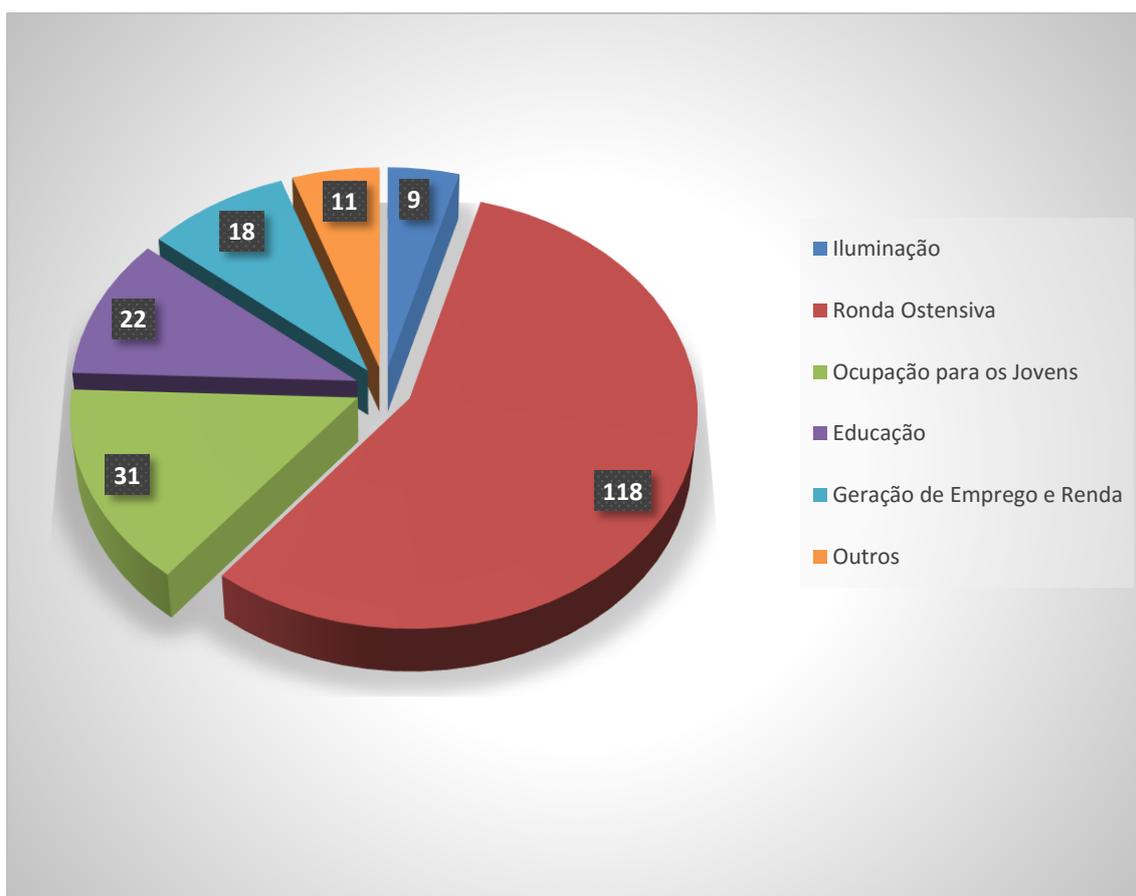
O objetivo desta análise não é, nem foi discutir os conceitos sobre o espaço urbano dos bairros, área de estudo, exclusão social e territoriais, segregação, fragmentação, etc. No entanto estes, de qualquer maneira, referem-se as disparidades sociais, econômicas e de oportunidades que se fazem mais notórias nas cidades, e vem estabelecer possibilidades para reprodução de espaços vulneráveis a prática do crime (FÉLIX, 2002).

O objetivo central deste estudo foi analisar a dinâmica do fenômeno da violência urbana, considerado como fenômeno das cidades nos bairros de maior incidência desta prática.

Os resultados conduzem ao entendimento de que temos que encaminhar, direcionar as políticas públicas, reavaliá-las, para que, de alguma maneira, estas caminhem ao encontro dos anseios destas populações.

Perguntados sobre as ações imediatas, de médio e longo prazo, os residentes através de suas repostas e, neste caso sim, com critério “tempo” para implementação, levou-se a elaboração da figura 16 abaixo.

Figura 16 – Ações Imediatas, Anseios da população



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

Verificou-se que os números que se referem às medidas de ações imediatas numa “expectativa generalizada”, são de que o policiamento ostensivo, o qual aparece de maneira contundente, assim como criação de postos policiais nos referidos locais, são os itens mais emergenciais a serem adotados.

Neste momento da pesquisa obteve-se verdadeiros desabafos, transcritos abaixo, daqueles entrevistados com respostas enfáticas no que se refere as ações de combate aos meliantes, há uma evidente demonstração coletiva de vingança, no direcionamento para que estes mesmos meliantes sejam, presos ou de alguma forma varridos destas comunidades.

- (...) Eu já até falei, né?... Tem que ter cuidado com os meninos o tempo todo, os “bandidos” querem que eles trabalhem para eles, por que eles são meninos e os meninos não vão preso né? ... (moradora do Bairro Santa Tereza).

- (...) Nossa! é o maior problema, os moleques querem ter o que os “tráfica” tem, e aí fica difícil segurar...(morador do Alvorada).

- (...) As pessoas evitam até sair de suas casas, temendo se deparar com possíveis ações de criminosos nas vias públicas... (morador do Santa Tereza).

- (...) “Esses vagabundos deveriam todos morrer”. (morador do Bairro Silvio Leite).

- (...) “Tem que matar todos” (morador do Bairro Alvorada).

- (...) O policiamento é fraco, não tem, se os vagabundos chegarem aqui agora e me assaltarem, depois eles saem caminhando e ninguém pega, cadê a polícia? ... (relato de dono de comércio – no Bairro Alvorada).

-(...) A gente só mora aqui porque não tem outro jeito né... (moradora do Santa Tereza).

-(...) Já estou pensando em ir pro interior... (aposentado morador do Alvorada).

– (...) “Esses vagabundos deveriam todos morrer”. – (...) “Tem que matar todos” (moradores nos três bairros).

A senhora Fabiana Praxedes (nome fictício) residente do Bairro Santa Tereza, disse – “Quando eu puder, retiro minha família daqui do Santa Tereza, não aguento mais tanta bandidagem” - em 13 de junho de 2015 em conversa com este pesquisador – na varanda de sua residência.

Quando nos atemos a resultados em termos de médio e longo prazo, figura 17, página 73, temos uma reviravolta nestes números indicando, neste caso, o anseio de ações, de cunho mais sociais e não de cunho operacional como rondas ostensivas e demais ações do aparato executivo das forças policiais.

Ressalta-se que esta pesquisa foi efetuada através das investigações orientadas (perguntas dos questionários devidamente explicadas), evitou-se o que se verifica como respostas relacionadas à justiça da vingança.

Se não efetuadas dessa maneira, orientadas e estruturadas, os resultados tendem a respostas e discursos inflamados, carregados do desejo de realização da vingança como saneamento da violência urbana, no entanto a legalidade e, não a justiça baseada em vingança, e tampouco ações políticas pautadas nesta ótica são aceitáveis.

Para Rousseau (2006) é irrefutável a necessidade da legalidade nas ações relacionadas a justiça, uma vez que segundo este autor, o Estado é o detentor desta demanda de caráter social e não natural, é também o regulador deste contrato social, a quebra de quaisquer regras desconstrói este importante pacto social.

Verificou-se, portanto, que, o que se deseja de imediato, são as ações de expressividade como a presença de mais policiais e viaturas nas ruas, como a implantação de postos policiais, ações firmes e contundentes de combate e prisões.

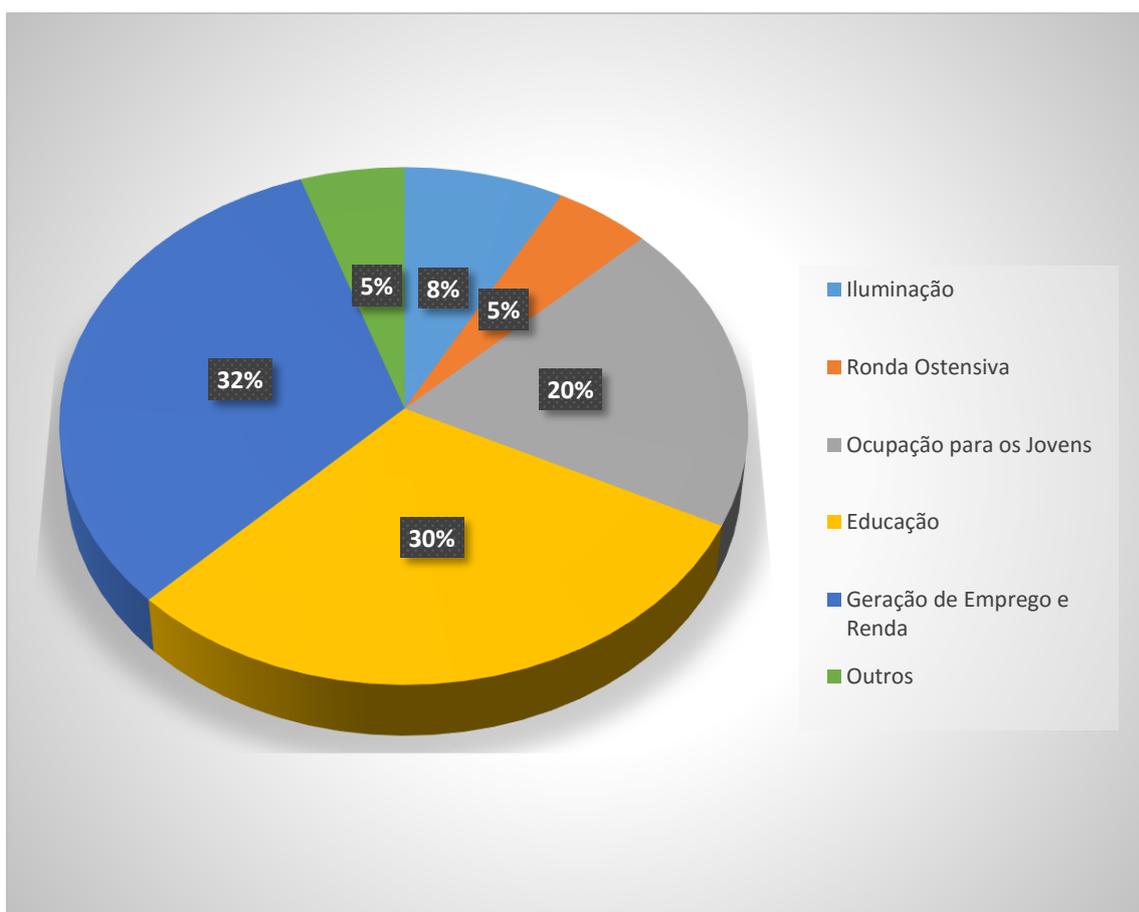
É notório, que a condição do encarceramento de meliantes e do combate frontal à violência urbana, o que se apresenta como solução de imediato no que se verifica em relação aos residentes das áreas em questão, é ainda o combate na guerra não oficializada, que a população anseia em termos de resposta imediata das gestões oficiais.

Cabe aqui então ponderarmos de que o investimento em recursos humanos (policiais) e aparato material é ainda, o necessário em termos das ações públicas para que de maneira emergencial, seja o quesito principal para solucionar os problemas da criminalidade e dos males citados por este fenômeno

em caráter, ratificamos, emergencial, segundo os anseios descobertos ao longo da investigação.

Vale salientar que estes anseios dos entrevistados **a longo prazo**, são de ações sociais como educação e ocupação para os jovens, ou seja, acredita-se que a soma destas ações, (emergenciais + ações de longo e médio prazos) podem encaminhar a resultados interessantes no futuro.

Figura 17 – Ações de Médio e Longo Prazos, Anseios da População



Elaborado por Wilson A. Soler (2015).

O combate à criminalidade pode ser feito com “sucesso” (grifo do autor), uma vez que o aparato policial seja contemplado de forma efetiva (com homens, conhecimentos, máquinas e equipamentos), resultando no maior encarceramento, desejo da população, de mais delinquentes, numa constatação de que tais aparatos (armas e equipamentos) funcionam para este objetivo, não que sejam mais eficientes não é esta a afirmação.

Outra constatação é de que, segundo os resultados **não há necessidade** de grandes transformações socioeconômicas, pelo menos em relação ao **momento, conforme estes moradores** – o que “ameniza” o fato - para que as taxas de criminalidade entrem em declínio. Há necessidade pelo que se observa é de contundências, agir de forma rápida e impactante para se obter resultados satisfatórios, segundo as descobertas.

As transformações socioeconômicas no que se referem a busca para obtenção de patamares melhores e aceitáveis dos índices de escolaridade, distribuição de renda, organização e participação social, entre outros são variáveis que irão delinear e, neste caso sim, a longo prazo uma postura diferenciada e mais exigente da população em relação ao fenômeno da violência urbana.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o objetivo desta pesquisa foi de estudar a violência urbana e a sua dinâmica socioespacial, entre os anos 2004 e 2014, nos Bairros, Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada, situados na Zona Oeste de Boa Vista-RR, constatou-se o quanto a violência afeta a qualidade de vida das pessoas de várias maneiras.

O medo ou sentimento de insegurança e seus derivados são uma das problemáticas inerentes à vida urbana das sociedades pós-industriais, as quais se manifestam aqui na capital de Roraima nos bairros acima descritos.

As percepções dos moradores permitiram verificar, que este fenômeno não só altera e condiciona os hábitos das pessoas que vivem nas áreas urbanas supracitadas, tanto de maneira geral, subtraindo sua liberdade e conseqüentemente sua qualidade de vida, quanto inibindo seus hábitos sociais, (sair pela noite, frequentar lugares e, mesmo ficar à porta de suas casas).

Condiciona ainda o desenvolvimento de algumas atividades gerando estresse, ansiedade, redução da mobilidade, rejeição a novos contatos sociais entre outras, mais ainda, contribuem diretamente para estabelecimento ou modificação dos laços afetivos que os indivíduos têm com o território mais próximo deles.

Os resultados alcançados e que, a princípio não faziam parte dos objetivos desta pesquisa, mas que surpreenderam de maneira substancial, é o fato de quanto a Violência Urbana afeta diretamente a vida das pessoas desses lugares.

Entretanto, somente constatar não é compreender a totalidade, é necessário analisar os fatos decorrentes de tais descobertas, para se atribuir elementos que delineiam as verdadeiras conseqüências de um fenômeno.

Houve substancial aumento da violência nos bairros, aferido a partir das queixas dos moradores entrevistados e, que não se refletem nas estatísticas oficiais em decorrência da subnotificação, as principais reivindicações dos

participantes estão relacionadas, especialmente, à constante sensação de insegurança vivida pelos moradores.

Em relação a **Mobilidade**, Violência Urbana determina os “novos” horários dos cidadãos, as pessoas, são forçadas a utilizar a luz do dia, ou seja, para ir ao trabalho e retornar, fazer suas compras, e até mesmo em alguns casos ir ao posto de atendimento médico, obrigando-se a deixar a segurança de suas residências somente nos horários em que se tem iluminação natural, restringindo-se então praticamente aos horários de 06:00h às 18:30h.

Estes consideram-se cidadãos apenas neste período, uma vez que neste momento podem transitar com relativa tranquilidade, de acordo com as informações implícitas em nossas pesquisas.

Ainda sobre a questão, é importante lembrar que os cidadãos residentes nestes bairros ficam prejudicados também no que se refere aos vários tipos alternativos de transporte como serviços de táxis, vans e outros que se negam, em alguns casos e horários, a realizarem “corridas” para tais destinos, uma vez que temem ser vítimas de assaltos e outros tipos de violência.

Segundo relatos, meliantes se apropriam de “passagens estratégicas”, como é o caso de uma ponte que liga os Bairros Alvorada e Cidade Satélite a qual é constantemente utilizada para prática de assaltos e até cobrança de “taxas” para passagem dos usuários naquele lugar.

O **lazer** também fica comprometido, por parte de adultos e muito mais pelas crianças que, não podem, após o horário da escola, principalmente no período vespertino permanecer nas praças ou mesmo nas ruas próximas as suas casas e, nestes casos ainda que durante o dia e entardecer.

Quanto aos adultos, frequentar bares, lanchonetes, praças e, nestas quadras poliesportivas e campos de futebol ou mesmo ainda ficar à porta de suas casas torna-se perigoso.

Como acrescenta Yazigi (2000), é necessário para os residentes da periferia a interabilidade com a “sua rua”, esta traz as novidades e muitas vezes sociabilização do indivíduo, extramuros.

Em se tratando de Consumo – Segundo relatos, bem como, análise dos resultados das pesquisas o comércio local de maneira geral, é prejudicado por conta dos assaltos e ainda pelo medo das pessoas consumirem ali, sendo que estas geralmente se aproveitam do retorno do seu trabalho, os quais invariavelmente ficam longe de seus bairros, para o consumo próximo destes, objetivando em seguida, que retornem diretamente para suas casas.

Os moradores assim o preferem, não se arriscando a compras nos comércios locais, momento em que se obrigam a ficar caminhando desnecessariamente em ruas adjacentes ou próximas às suas residências e, portanto, tornando-se vítimas em potencial e vulneráveis.

Observou-se nas entrevistas descrédito na atuação da polícia, conforme se verifica no relato acima, no entanto, há uma forte expectativa de que esses mesmos órgãos venham solucionar o problema através do aumento de seu efetivo e, ainda, na melhoria das condições de trabalho, entre outros.

Assim, esta falta de confiança decorre ao que indica de falhas na atuação, e não de um descrédito generalizado em relação à capacidade dos órgãos de segurança pública, principalmente a polícia.

Outro aspecto importante é a questão **imobiliária**, mais precisamente sobre a desvalorização Imobiliária, neste aspecto é notório que os preços dos imóveis nestes locais são em média de 35% a 50% abaixo do valor de mercado quando comparados aos de bairros com as mesmas características sócio econômicas.

Nos casos em particular, verificou-se que um terreno medindo de 15mx30m no Bairro Santa Tereza (classificados de jornal de grande circulação) custa em média R\$ 50.000,00, sendo que em bairros adjacentes, com a Violência Urbana em patamares menores, é encontrado com valores acima de R\$ 70.000,00.

Isso causa prejuízos financeiros às pessoas que a alguns anos atrás compraram seus terrenos a preços que eram similares àqueles praticados nos bairros próximos ou, como já mencionado, com situações socioeconômicas similares, conforme destaca o corretor de Imóveis Marconi Silva da Imobiliária Crystal desta cidade, (conforme entrevista em 20 de junho de 2015).

Somente o quesito violência urbana, segundo constatação da engenheira Elaine Cristina de Souza Angelim (Modelagem para mensuração das variáveis quantitativas: Violência Urbana e regularidade fundiária na definição dos valores de imóveis residenciais urbanos, 2011), deprecia o valor de imóveis em cerca de 20% nestas áreas consideradas de maior vulnerabilidade, somados à questão da regularidade e ausência de infraestrutura, pode-se chegar a uma depreciação de 67%, ainda em conformidade com a referida autora.

Verificou-se nas conversas e entrevistas, o desejo quase que unânime de se mudar daqueles lugares, ou seja, o **Desapego**, uma frustração em relação ao seu **território** (grifos nosso) que fica evidente nos discursos obtidos. Em outros relatos ouviu-se:

Este elemento das descobertas, o desapego, é um fator claramente detectado também pela mídia local, quando da publicação de reportagens conforme verificado no anexo 4 desta dissertação, (reportagem da folha de Boa Vista) onde uma moradora ratifica o que está acima exposto, colhido nas entrevistas.

Sendo ainda que durante as indagações nos certificou-se que este tipo de relato é muito comum nos três bairros verificados, isto leva ao entendimento de que as pessoas dali não tem, ou estão perdendo o vínculo afetivo com aquele lugar.

Quando Tuan (1975) afirma “lugar” é um centro de significados construído pela experiência e “lugar” corresponde a um processo de apropriação do espaço, onde o sujeito imprime sua marca, atribui novos significados e passa a identificar-se com este ambiente, o contrário, segundo nosso entendimento, pode ser

entendido como perda da afetividade com este lugar, ou seja, o desejo pelo abandono.

Há, portanto, a clara constatação de que: A identidade das pessoas com o lugar, segundo entendimento através das leituras no referido autor, está sendo maculada e, nossa análise, é de que território da delinquência, que encontra-se em constante processo de produção, e por conseguinte, sendo evidente que cidadãos de bem.

Neste sentido, as pessoas comuns, as quais não compartilham ou se identificam com essas novas territorialidades, estão sempre tentando, das mais variadas maneiras possíveis, deixar esses lugares ou aqueles que até então são seus lugares. Permitindo, por sua vez a tomada pela delinquência dos referidos lugares, produzindo assim “seus” territórios.

O Medo traduzido pela mídia como a “sensação de insegurança”, juntamente com a perda de “perspectivas Individuais”, são fatores percebidos durante as pesquisas e, estes de caráter muito individual, a desesperança em relação a melhoria das condições de vida, e ainda nos casos do relato de vários pais, é a questão do futuro de seus filhos.

Ao conviverem com a violência e o medo, o maior temor destes pais, residentes nestes bairros de alta incidência de criminalidade, é de que seus filhos sejam de alguma maneira, cooptados pelo crime, que oferece melhores condições de remuneração e que sem sombra de dúvidas, é um atrativo para esses filhos, no caso, jovens, conforme nos relatam moradores em seus comentários, conforme transcritos na página 71.

Espaços de exclusão da lei e da ordem social, abrigo da população segregada, reduto da violência em seus diferentes aspectos, são apropriados pelas organizações criminosas e/ ou ilegais que os faz seus espaços de poder. À violência estrutural desses territórios vem-se articular a violência organizada do crime na atualidade.

Cria-se, assim, o território da violência, porções do espaço urbano apropriadas pelas organizações criminosas que exercem seu poder sobre eles

transformando-os em redutos de poder do crime organizado que daí comanda sua atuação na cidade, enfrenta o estado e manobra o seu exército formado pela população excluída que habita esses locais. (FERREIRA e PENNA. 2005, p. 158).

O lugar está, como transcrito anteriormente, maculado, para estas populações. Os jovens ou adolescentes estão a mercê da cooptação pelo crime organizado, ou não.

A sensação de insegurança, medo mais precisamente, impera, tem muitos residentes que se quer, pensam ou querem mais investir em seu bem-estar, seja com a compra de móveis, ou seja em melhorias nos próprios imóveis.

Os gastos, que ainda se dispõem a realizar ou que se verificam, são aqueles destinados aos vários tipos de melhoria na segurança patrimonial, como cercas elétricas ou elevação na altura dos muros.

Os relatos em torno das ações ficaram evidentes, no que se refere a legalidade, porém o sentimento de Vingança e não de Justiça é notório, frases com sentimentos de revolta são ouvidas a cada momento, onde não era de se esperar menos, uma vez que essas são as maiores vítimas de todo esse processo.

Apesar de afetar a vida cotidiana de grande contingente de pessoas, o debate em torno das possíveis soluções para o problema da violência urbana tem sido ainda incipiente e pouco tem mobilizado os organismos sociais legitimados, sejam eles pertencentes à esfera governamental ou não.

Detectados por Moser e Mcilwaine (2006), partes das dificuldades no combate à violência estão localizadas na falta de sintonia entre as produções científicas e o foco de interesse dos governos. Enquanto as pesquisas enfatizam a complexidade do fenômeno, “a política centrada busca categorizar os tipos de violência, medir seus custos, identificar suas consequências em termos de taxas de homicídio e vitimização” (MOSER E MCILWAINE, 2006, p. 101).

Ratifica-se, portanto, a necessidade de que dados obtidos através dos resultados das investigações científicas, sejam utilizados na formulação de políticas com a participação efetiva dos envolvidos, as comunidades levam as reais necessidades, e estes dados que, antes poderiam ser considerados de menor importância ou invisíveis, passam a ter relevância e até serem conclusivos no auxílio de estabelecimento de ações para as soluções.

REFERÊNCIAS

ADORNO, S.; CARDIA, N. Violência, Crime, Insegurança: Há saídas possíveis?. In: Fonseca, R.B.; Davanzo, A.M.Q.; Negreiros, R.M.C. (Org.). **Livro Verde: desafios para a gestão da Região Metropolitana de Campinas**, Campinas: Unicamp, 2002. p. 303-333.

ADORNO, S. Monopólio Estatal da Violência na Sociedade Brasileira Contemporânea. In: Miceli, S. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira 1970-2002**, São Paulo: Sumaré, v. 4, p. 267-307, 2002.

_____. Las ciudades medias em la planificacion de Minas Gerais Brasil. In: Gonzáles, Edelmira G. (Org.). **Anales Del Seminario Intenacional “Ciudades Intermedias de America”**, La Serena: Universidad de La Serena - Chile. p. 22-23 jul. 1996.

AMORIM FILHO, O. B. Cidades médias e a organização do espaço no Brasil. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 5-34, jun. 1984.

ANASTASIA, Carla Maria J. **A Geografia do crime: Violência nas Minas Setecentistas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ANDRÉ, André Luiz. **Visíveis pela violência: a fragmentação subjetiva do espaço metropolitano**. São Paulo – Presidente Prudente, 2009.

BARROS, Nilson Cortez Crocia de. Paisagem, homem e natureza na região do Alto Rio Branco, Roraima, Brasil. In: SOUZA, Maria Adélia A. de et al. (orgs.). **O Novo Mapa do Mundo Natureza e Sociedade de hoje: uma leitura geográfica**, São Paulo: Hucitec, 2002.

BATELLA, W. B; Diniz, A. M. A; TEIXEIRA, A. P. Explorando os determinantes da geografia do crime nas cidades médias mineiras. **Revista De Biologia e Ciências da Terra**, v. 8, n. 1, 1 sem. 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**: Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOA Vista: crescimento desordenado muda a capital planejada. **Portal Amazônia**, Boa Vista, 07 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.portalamazonia.com.br/editoria/cidades/boa-vista-crescimento-desordenadomuda-cenario-da-capital-planejada>>. Acesso em: 22 out. 2014.

Bortolo Pinto, M. A. de. XIII Coloquio Internacional de Geocrítica El control del espacio y los espacios de control. **A METRÓPOLE E OS TERRITÓRIOS DA VIOLÊNCIA: APROXIMAÇÕES AO TERRITÓRIO DA VIOLÊNCIA HOMICIDA NO ENTORNO DO DISTRITO FEDERAL** – Barcelona, 2014.

BUTTIMER, Anne. Social space in interdisciplinary perspective. **Geographical Review**, v. 59, n. 4, p. 417-426, 1969.

_____. **Values in Geography**. Washington: AAG, 1974. 28 p.

_____. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66, n. 2, p. 266-276, 1976.

_____. On people, paradigms and “progress” in geography. In: Sttodart, D. R. (ed.). **Geography, Ideology and Social Concern**, Totowa: Barne & Noble Books, 1981. p. 81-98.

_____. Geography, humanism and global concern. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 80, n. 1, p. 1-33, 1990.

BUTTIMER, Anne; SEAMON, David (eds.). **The Human Experience of Space and Place**. New York: St. Martin’s Press, 1980. 1999 p.

CARLOS, Ana Fani. **Crise Urbana**. São Paulo: Contexto, 2015.

DILULIO Jr, J. J. Help wanted: economists, crime and public policy. **Journal of economic perspectives**, v. 10, n. 1, p. 3-24, Winter, 1996.

DINIZ, A. M. A.; NAHAS, M I P; MOSCOVITCH, S K. Geografia da Violência Urbana em Belo Horizonte. **Cadernos de Geografia**, v. 13, n. 20, p. 39-56, 2003.

DINIZ, A. M. A.; BATELLA, W. B. Criminalidade Violenta nas Regiões de Planejamento de Minas Gerais: uma abordagem quantitativa. **Cadernos de Geografia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 23, p. 51-72, 2004.

DINIZ, A. M. A.; RIBEIRO, J. P. Violência Urbana nas Cidades Médias Mineiras: determinantes e implicações. **Geosul**, Porto Alegre – RS, v. 40, p. 56-68, 2005.

DINIZ, Alexandre Magno Alves; BATELLA, Wagner Barbosa. Abordagens espaciais no estudo da criminalidade violenta nas cidades médias mineiras. In: II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias - Dinâmica Econômica e Produção do Espaço, 2006, Uberlândia. **Anais do II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias - Dinâmica Econômica e Produção do Espaço**, Uberlândia : UFU, v. único, p. 1-20, 2006.

EDGERTO, Robert. Violence in East African Tribal Societies, In: SHORT, James; WOLFGANG, Mariland (Ed.) **Collective Violence**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

FELIX, S. A. Geografia do Crime. **Revista de Geografia**, São Paulo, v. 13, p. 145-166, 1996.

FELIX, S. A. **Geografia do Crime**: interdisciplinaridade e relevâncias. Marília: Marília Unesp – Publicações, 2002.

FELIX, S. A. Geografia do Crime. **Revista da Geografia**, São Paulo, v. 13, p. 145-166, 1996.

FREITAS, Nádia Magalhães da Silva. **Desenvolvimento local e capital social**: uma análise interdisciplinar do processo de indução do DLIS no Estado de Roraima. 2008. 282 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

GUIDUGLI, O. S. A **Geografia do Crime Urbano**. São Paulo: UNESP, 1985.

GUIDUGLI, O. S. **Crime Urbano e Geografia Aplicada**. Geografia, v. 10, n. 19, p. 232-233, 1985.

LEFEBVRE, H. **Posição:** contra os tecnocratas. São Paulo: Editora Documentos, 1969.

LIMA, M. G. L. **Gênese e Evolução da Paisagem do Sítio Original de Boa Vista a partir do Século XIX.** [S.l.]: 2011.

MAIA, D. S. Cidades Médias e Pequenas do Nordeste: Conferência de Abertura. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Orgs.) **Cidades Médias e Pequenas: Teorias, Conceitos e Estudos de Caso**, Salvador: SEI, 2010. p.15-41.

MENA, Fernando Carrión. La Geografía de la violencia. **Diario Hoy**. 2010. Disponível em: <http://works.bepress.com/Fernando_carrion/423/>. Acesso em: dez. 2015.

M. Simas Santos; M. Leal-Henrique. **Noções Elementares de Direito Penal**. 2. ed. Editora Rei dos Livros, 2003.

MORAIS, R. **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 113p.

Moser, C. O. N.; & Mcilwaine, C. **Latin American urban violence as a development concern:** Towards a framework for violence reduction. *World Development*, v. 34, n. 1, p. 89-112, 2006.

NUNES, M.; PAIM, J. S. Um estudo etno-epidemiológico da violência urbana na cidade de Salvador, Bahia, Brasil: os atos de extermínio como objeto de análise. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 459-468, 2005.

O ESTADÃO. **Favela Amazônia - Um novo retrato da floresta**. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/especiais/favela-amazonia/capitulo-1.php>> Acesso em: 12 nov. de 2015.

OLIVEIRA, R. S. **Mobilidades transgressoras, geografias ignoradas:** itinerários e emaranhamentos envolvendo territorialidades de garimpeiros no Suriname, 2014.

ORTEGA Y GASSET, J. **O homem e a gente**. Tradução de J. Carlos Lisboa. Rio de Janeiro: Ibero- Americano, 1973.

POLICIA MILITAR DO ESTADO DE RORAIMA. Disponível em: <<http://www.pm.rr.gov.br/>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

RAMÃO, Fernanda Pamplona; WADI, Yonissa Marmitt. Espaço urbano e criminalidade violenta: análise da distribuição espacial dos homicídios no Município de Cascavel/PR. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 35, p. 233-238, fev., 2010.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; RODRIGUES, Juciano Martins. **Decadência das metrópoles e paraíso das cidades médias?**. 2011. Disponível em <http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/artigo23_07_08>. Acesso em: 23 abr. 2015.

RODRIGUES, S. Em baixa. **Folha de Boa Vista**, Boa Vista. 16 de ago. 2002. Coluna Social.

ROSA FILHO, A. **Geografia das Favelas**: Uma análise das políticas públicas do poder executivo na remoção e/ou reurbanização de favelas em São José dos Campos-SP. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007. 140p

ROSA FILHO, A. **Percepção geográfica de escorregamentos de encostas em favelas nas áreas de risco**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP, Campos do Jordão, São Paulo. 2006.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA. Estatísticas. Disponível em: <<http://www.sesp.rr.gov.br/ESTATISTICAS.htm>>. Acesso em: 09 abr. 2014.

SACHSIDA, A. Evolução e determinantes da taxa de homicídios no Brasil **Instituto Ordem Livre**. 2012. Disponível em: <http://ordemlivre.org/posts/evolucao-e-determinantes-da-taxa-de-homicidios-no-brasil>> Acesso em: 12 de out. 2015.

SAMPSON, R.J.; GROVES, W. B. Community structure and crime: testing social disorganization theory. **American Journal of Sociology**, v. 94, p. 774-802, 1989.

SANTOS, Haroldo Eurico Amoras. **Fatores de crescimento de Roraima, 1970/1998**. 2000. 209p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Economia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005. 170 p.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, A. Lourenço da - **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, Maringá, v. 5, n. 1, p. 58-76, 2013.

SILVA, Angela Maria M. et al. **Manual de normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da UFRR**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012. 102p.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Dinâmica Territorial Urbana em Roraima – Brasil**. 2007, 329p. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humana, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

SILVA P. R. de A segregação como conteúdo da 1 nova morfologia urbana de Boa Vista – RR. **Revista Acta Geográfica**, v. 3, n 6, jul./dez, 2009. p. 47-53.

SOUZA E. R; LIMA, M. L. C. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 11, 2007. Suplemento.

SOUZA, Carla M. Boa Vista/RR e as Migrações: mudanças, permanências, múltiplos significados. **Revista Acta Geográfica**, v. 3, n. 5, jan./jun. 2009. p. 39-62.

SOUZA, M. L. de. **A B C do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SPOSITO, M. E. B. (et al). O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição, São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-68.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: _____ (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição, São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.

SINGER, Paul. O Plano Diretor de São Paulo, 1989-92. A política do espaço urbano. In MAGALHÃES, M. C. R (org.). **Na sombra da cidade**, São Paulo: Escuta, 1995.

TUAN, Yi-Fu. **Thopophilia or, sudden encounter with landscape**, Landscape, v. 11, n. 1, p.29-32, 1961.

_____. Attitudes toward environment: themes and approaches. In: Lowenthal, D. (ed.). **Environmental Perception and Behavior**, Chicago: Univ. of Chicago Press, 1967. p. 4-17.

_____. Geography, phenomenology and the study of human nature. **Canadian Geographer**. v. 15, n. 2, p. 181-192, 1971.

_____. Place an experiential perspective. **Geographical Review**. v. 65, n. 2, p. 151-165. 1975.

_____. Humanistic geography. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 66, n. 2, p. 266-276. 1976.

_____. Space and place: humanistic perspective. **Progress in Geography**. n. 6, p. 211-252. 1974.

_____. **Topofilia**: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980. 288 p.

_____. **Espaço e Lugar**: a Perspectiva da Experiência, São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.

_____. **Dominance and Affection: the Making of Pets.** New Haven: Yale University Press, 1984. 193 p.

_____. The city as moral universe. **Geographical Review.** v. 78, n. 3, p.316-324. 1988.

_____. Surface phenomena and aesthetic experience. **Annals of the Association of American Geographers.** v. 79, n. 2, p. 233-241, 1989.

_____. **Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature and Culture.** Washington: Island Press, 1993.

VERAS, Antônio Tolrino de Rezende. **A Produção do Espaço Urbano de Boa Vista – RR.** São Paulo, 2009. 235 p. Tese (Doutorado em Geografia humana). Universidade de São Paulo. 2009.

VILLAÇA, Flávio. Dilemas do Plano Diretor. In: CEPAM. **O município no século XXI.** 2009. p. 237-247.

YAZIGI, Eduardo. **O mundo das calçadas.** São Paulo: FFLCH/ USP, 2000.

APÊNDICE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

Questionário aplicado aos residentes da Zona Oeste (Bairros: Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada), objetivando a obtenção de informações relacionadas à Violência Urbana percebida conforme requer a pesquisa: **A Violência Urbana e a sua dinâmica socioespacial entre os anos 2004 e 2014 nos Bairros Santa Tereza, Silvio Leite e Alvorada, em Boa Vista-RR.**

1-Procedência (local de nascimento): _____

2-Residencia Boa Vista: Bairro: _____ Rua _____

3-Qual o maior prejuízo pessoal causado pela violência Urbana em sua opinião.

4-Nos quesitos abaixo relacionados a Violência Urbana, identifique quais aqueles que percebe afetar mais o seu dia-a-dia, vida cotidiana. E em que grau, conforme indicação numérica.

Quesito		Em que grau (1-10)	Importância (1-7)
01	Mobilidade		
02	Desvalorização Imobiliária		
03	Medo (sensação de insegurança).		
04	Lazer		
05	Consumo		
06	Desejo de mudar de lugar		
07	Outro Qual?		

5- Indique qual a ação dos órgãos competentes – livre escolha, emergencial e de médio/longo prazos seriam mais eficiente, em relação à violência Urbana.

Ação	Livre	Emergencial	Médio e Longo Prazos.
Posto Policial			
Iluminação			
Ronda Ostensiva			
Ocupação para os jovens			
Educação			
Geração de emprego e renda			
Outros			

6- Onde você nasceu, havia violência urbana?

ANEXOS

Anexo I

FURTO

Dona de casa denuncia que sua casa foi furtada pela terceira vez

 Gostei (0)  Não gostei (1)

Por **João Barros**

Em 16/10/2015 às 00:00

[Share on facebook](#) [Share on twitter](#) [Share on google](#) [Share on email](#) [More Sharing Services](#)



Vítima denunciou que rua Peixe Boto está dominada pela droga (Foto: Diane Sampaio)

“Deixar a moradia sem ocupação é um risco em Boa Vista”, disse uma dona de casa que mora na rua Peixe Boto, no bairro Santa Tereza, após ter a casa violada por ladrões três vezes este ano. Por volta das 15h desta quinta-feira, a mulher procurou o 4º Distrito Policial para relatar o fato recorrente. Segundo ela, em todas as ocasiões em que é furtada, precisa comprar novos móveis e eletrodomésticos para sua casa.

A vítima informou que, aproveitando o feriado do início desta semana, foi visitar sua mãe, que mora no Município de São Luiz do Anauá, região Sul do Estado, a aproximadamente 320 quilômetros de Boa Vista, quando aproveitaria para regularizar a situação escolar da filha.

“Quando eu cheguei, tinham entrado na minha casa. Arrombaram a porta da cozinha e levaram fogão, botija de gás, televisão e dois ventiladores. Infelizmente, não tenho nem como preparar o que comer. Conversei com os vizinhos, que convidaram a mim e a meus filhos para fazer as refeições na casa deles. Eu não tenho condições de viver comprando móveis. Será que isso nunca vai acabar?”, desabafou.

A mulher disse que teme pela vida de seus filhos durante uma ação dos bandidos. “Antes que levem as coisas de dentro de casa do que minha vida. Mas, de qualquer forma, é triste, porque pago aluguel caro e tenho uma filha que faz tratamento psiquiátrico, usa fralda e ainda tenho que comprar a medicação controlada para ela. Como é que eu fico nessa situação? Até para fazer comida para meu bebê tenho que contar com os vizinhos, por isso vim fazer ocorrência para conhecimento da polícia”, comentou.

Na primeira vez que o ladrão violou a propriedade dela, levou uma bicicleta que estava no quintal. Depois de alguns dias, retornou e subtraiu um nebulizador, roupas e quebrou as portas dos móveis. A mulher cobrou um policiamento ostensivo na área em que reside.

“Da porta da minha casa vejo muitos viciados e quero cobrar que os carros do Ronda no Bairro andem mais pela região do Santa Teresa, porque o consumo de drogas é grande, até mesmo de dia, e ninguém pode fazer nada”, ressaltou. (J.B)

<http://www.folhabv.com.br/noticia/-Dona-de-casa-denuncia-que-sua-casa-foi-furtada-pela-terceira-vez-/10733> em 16/10/2015 11:18h.

Anexo II

Aumento de apreensões de drogas & aumento da criminalidade.

Os crimes como latrocínios, furtos e roubos, tendem a aumentar na mesma proporção que há aumento de comercialização de drogas, segundo a Delegacia de Repressão a Entorpecentes – DRE, houve no primeiro semestre de 2015 aumento de 45% nos procedimentos (apreensões e outros) conforme indica o quadro. Significativo é o número, mais significativos são as consequências destes números.

São 70kg de drogas, 48kg a mais em relação ao que foi apreendido no mesmo período do ano passado (2014-22kg), aumento expressivo.

Levando-se em consideração que estes números significam aumento da violência urbana como um todo, teremos no final das contas que repensar os números finais da criminalidade na cidade de Boa Vista, uma vez que o que temos não incluem estes novos dados.



Figura 1 Balanço de Procedimentos DRE/SESP/RR. Fonte Folhabv.com.br em 16/07/2015.

Anexo III

UNIDOS NO CRIME

Família inteira que atuava no tráfico é presa durante operação

 Gostei (6)  Não gostei (4)

Com a prisão do pai, os demais membros da família assumiram a gerência de bocas de fumo na **zona Oeste**

Por **Amílcar Júnior**

Em 02/10/2015 às 00:00

[Share on facebook](#) [Share on twitter](#) [Share on google](#) [Share on email](#) [More Sharing Services](#)



Mãe e filhos, bem como seus respectivos companheiros, assumiram o negócio ilícito após prisão do pai da família (Foto: Rodrigo Sales)

Policiais civis e militares, em operação conjunta, prenderam sete pessoas e um menor de idade, todos suspeitos de tráfico de drogas. Participaram da operação agentes da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE), da Divisão de Captura (Dicap), da Secretaria de Justiça de Roraima (Sejuc), e policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope) e do Canil, da Polícia Militar.

O delegado João Evangelista (DRE) informou que, no início do ano, um dos membros da família foi preso com aproximadamente com 13 quilos de maconha. Após a prisão, a companheira do suspeito, identificada como Doracélia Andrade, de 60 anos, seus três filhos, duas mulheres e um homem, bem como os seus respectivos companheiros, todos com idade entre 18 e 22 anos, mantiveram o esquema de tráfico de drogas em diferentes bocas de fumo **no bairro Santa Tereza, zona Oeste**. Um adolescente de 16 anos também foi apreendido.

Ainda de acordo com Evangelista, todos os envolvidos são parentes de Lázaro Melo, mais conhecido como “Velhão do Santa Teresa”, preso no início deste ano com 13 kg de maconha. Após investigações, a polícia descobriu que a família continuava traficando.

A droga foi encontrada em três endereços. Um dos envolvidos revelou que comprou cinco quilos de maconha na Guiana. Além da idosa, foram presos Kalissa de Melo, Kaina Melo, Adriel Melo, todos de 18 anos; Tedi Neto e Jonatas Melo, de 22, Amanda Saldanha, de 21 anos, e o adolescente. O delegado avisou que as investigações vão continuar.

Policiais apreenderam também cinco quilos de maconha, uma quantidade de cocaína, balança de precisão, dinheiro e outros materiais normalmente utilizados na venda de entorpecentes. Evangelista autuou os sete adultos em flagrante pelo crime de associação ao tráfico, tráfico de drogas e apetrechos. Todos vão ficar à disposição da Justiça.

“Provavelmente amanhã [hoje] será a audiência de custódia deles e a Justiça vai apreciar se há a necessidade de eles permanecerem presos ou se vão ser postos em liberdade. O menor deverá ser encaminhado ao Centro Sócioeducativo [CSE]”, frisou. (AJ)

ANEXO IV

Bandidos atacam para tomar celulares



Andar com celular na rua tornou-se um risco, pois os bandidos não hesitam em atacar suas vítimas em via pública

Por [João Barros](#)

Em 30/10/2015 às 00:18

[Share on facebook](#) [Share on twitter](#) [Share on google](#) [Share on email](#) [More Sharing Services](#)

Tornou-se corriqueiro, nos distritos policiais de Boa Vista, a ida de pessoas que vão comunicar roubo de celulares. Somente na tarde de quinta-feira, mais de seis aparelhos foram levados por bandidos, que abordaram as vítimas em plena luz do dia em via pública na Capital.

Em um dos casos, uma adolescente de 17 anos, que caminhava pela rua Francisco Anacleto, **no bairro Silvio Leite, zona Oeste**, às 14h, quando dois indivíduos se aproximaram, numa moto Honda/Fan, cor preta, e anunciaram o assalto munidos com um revólver. A jovem entregou o celular aos bandidos.

Outro roubo aconteceu no bairro Equatorial quando a vítima, de 18 anos, estava caminhando pela avenida Ataíde Teive e dois homens, numa motocicleta Honda/Titan preta, pararam ao lado do jovem e, com uma faca, intimidaram-no, pedindo-lhe o celular. Ele disse à Polícia Civil que um dos assaltantes era gordo e o outro magro, ambos com idade de aproximadamente 25 anos.

No conjunto Cruviana, bairro Senador Hélio Campos, um adolescente de 14 anos, que ia para a escola, foi abordado por dois homens que pararam a moto ao lado dele. Depois de segurar em sua camisa, pediram que entregasse o celular, pois, caso contrário, seria esfaqueado. O adolescente resistiu, mas se viu obrigado a entregar o aparelho após um dos bandidos ter colocado a faca no pescoço dele. Conforme no Boletim de Ocorrência, eram dois homens jovens, morenos, com tatuagens e bem-vestidos.

Um dos delegados de polícia pediu à população que fique em alerta e não deixe os celulares à mostra, tampouco fones de ouvido, que denunciam que as vítimas estão portando um aparelho. (J.B)

ANEXO V

MADRUGADA VIOLENTA

Bandidos praticam 11 assaltos em duas horas e meia na Capital

 Gostei (0)  Não gostei (2)

Bandidos voltam a aterrorizar moradores e comerciantes da **zona Oeste de Boa Vista**, agindo com truculência e fazendo várias vítimas

Por **Amílcar Júnior**

Em 17/09/2015 às 00:06

[Share on facebook](#) [Share on twitter](#) [Share on google](#) [Share on email](#) [More Sharing Services](#)

Assaltantes voltaram a “tocar o terror” na Capital. Em duas horas e meia, das 0h30 às 3h da madrugada de ontem, foram registrados 11 assaltos e um furto qualificado. **Os ataques aconteceram nos bairros da zona Oeste** e os bandidos estavam armados, em dupla e em motocicletas ou de carro.

A onda de violência começou pelo bairro Tancredo Neves, zona Oeste. Um ladrão armado com faca atacou uma vítima na Rua Júlio Pinto. Minutos depois, outro bandido de bicicleta, também com uma faca, roubou o celular de uma vítima que transitava pela Rua Adolfo Dunck, no bairro Mecejana.

Na Rua Adail Oliveira Rosa, **no bairro Sílvio Leite**, dois assaltantes, em uma motocicleta Bis vermelha, roubaram a bolsa de uma mulher e levaram celular, dinheiro e documentos. O garupa simulou puxar uma arma de fogo da cintura.

Dois bandidos em um Pálio, armados com revólver, também atacaram uma lanchonete na Rua Raimundo Pena Forte, no bairro Buritis. Minutos depois, a mesma dupla, ainda no Pálio prata, atacou uma mulher que transitava pela Rua Mestre Albano, no bairro Cambará. A vítima relatou à polícia os números da placa do carro: 8998.

Saindo da zona Oeste, um casal em uma moto Titan preta, placa NAN-1778, atacou uma idosa que andava pela Rua General Penha Brasil, no bairro 13 de Setembro, zona Sul. A mulher que vinha na garupa estava armada com uma faca e anunciou o assalto. Levaram o celular da vítima.

Na Rua Nivaldo da Conceição Gutierrez, no bairro Pintolândia, **zona Oeste**, dois elementos numa moto Titan preta, armados com revólver, invadiram uma casa e roubaram dois celulares dos moradores. Na Rua Jericó, no bairro Canaã, dois elementos, também armados com revólver, em uma motocicleta roubada, uma Fan roxa, placa NAP-5395, roubaram o celular de uma senhora.

Outra dupla criminosa, em uma moto Titan preta, roubou uma vítima na rua Cajazeira, no conjunto Manaíra, no bairro Airton Rocha, zona Oeste. O garupa sacou um revólver e tomou celular, cordão e um anel de ouro. Minutos depois, dois bandidos em um Gol branco assaltaram um jovem e lhe tomaram o celular. O ataque ocorreu na Rua Efigênia Lima, no bairro Sílvio Leite.

Para finalizar a onda de violência na madrugada, dois ladrões renderam um jovem, assim que ele desceu de um ônibus, na Rua S-10, no bairro Pintelândia. Os criminosos estavam em uma Bis prata. O garupa tomou o celular da vítima e ainda a agrediu.

ARROMBAMENTO – Na Avenida Estrela Dalva, a principal do bairro Raiar do Sol, ladrões arrombaram uma loja que vende telefone celular. O prejuízo não foi informado. Nenhum assaltante foi preso, mas os casos já estão sendo investigados.